

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL
MESTRADO PROFISSIONAL**

**“POR DEBAIXO DOS PANOS”: A CONSTRUÇÃO DA
IMAGEM DA PRENDA TRADICIONALISTA POR MEIO
DE EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DO
DEPARTAMENTO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS NOEL
GUARANY**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Camilla Rodrigues Milder

**Santa Maria, RS,
2013**

“POR DEBAIXO DOS PANOS”:

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA RENDA TRADICIONALISTA POR MEIO DE EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DO DEPARTAMENTO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS
NOEL GUARANY

Camilla Rodrigues Milder

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Área de concentração em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Medianeira Padoin

Santa Maria, RS, Brasil

2013

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação
de Mestrado Profissional**

**“POR DEBAIXO DAS PANOS”: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA
PRENDA TRADICIONALISTA POR MEIO DE EXPOSIÇÃO
FOTOGRAFICA DO DEPARTAMENTO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS
NOEL GUARANY**

elaborada por
Camilla Rodrigues Milder

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

COMISSÃO EXAMINADORA:

Maria Medianeira Padoin, Dr^a.
(Orientadora)

Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, Dr. (USP)

Flavi Ferreira Lisboa Filho, Dr. (UNISINOS)

Santa Maria, 7 de junho de 2013.

AGRADECIMENTO

Não gostaria aqui de parecer injusta com todas aquelas pessoas que, de certa forma, influenciaram, acompanharam, colaboraram - alguns até em longas distâncias - para a realização deste trabalho. No entanto, na impossibilidade de citar a todos os nomes, aqueles apontados e destacados representarão muito bem os círculos de amizade, estudo e apoio.

À Professora Doutora Maria Medianeira Padoin, pela orientação paciente e pela confiança depositada no trabalho. Aos colegas do mestrado e demais professores que ministraram as aulas da grade curricular pelas trocas de saber. À minha instituição, Universidade Federal de Santa Maria, que me abriga desde 2005 e proporciona a aquisição de conhecimento.

À minha família, em especial, meu pai por todo o exemplo, incentivo e por ensinar que o estudo é o caminho certo para a busca de nossas conquistas e metas. Aos meus irmãos, que, muitas vezes, me acompanharam em viagens a outras cidades para que eu pudesse fotografar. Ao meu noivo, mesmo distante, sempre preocupado e disposto a ajudar.

Às amigas, Jaqueline Ribeiro e Bárbara Ruoso, pelas rodas de chimarrão, pelas 'fugidas' para um lanche rápido. À Jaqueline Domanski, pelas muitas conversas, pelas leituras de textos juntas e até mesmo explicações e instruções através das redes sociais. À galera do Seminário, que muitas vezes ficaram sem aula. E aos demais amigos, pela compreensão.

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Santa Maria

“POR DEBAIXO DOS PANOS”: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA PRENDA TRADICIONALISTA POR MEIO DE EXPOSIÇÃO FOTOGRAFICA DO DEPARTAMENTO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS NOEL GUARANY

AUTORA: CAMILLA RODRIGUES MILDER
ORIENTADORA: MARIA MEDIANEIRA PADOIN

Data e Local de Defesa: Santa Maria, 7 de junho de 2013

A presente dissertação produziu uma exposição fotográfica a fim de realizar o registro e também dar visibilidade às atividades das prendas do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, vinculado a Universidade Federal de Santa Maria. O Departamento é composto por estudantes, professores e técnicos administrativos da própria Universidade, que apoia as manifestações culturais, permitindo a inserção da comunidade tradicionalista, valorizando o patrimônio local e regional. Buscou-se entender como se dá a construção da representação da mulher na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista na entidade do DTG Noel Guarany. Ao observar a participação do DTG em nove eventos realizados pelo estado do Rio Grande do Sul percebeu-se o jogo simbólico de poder, honra, recato, afirmação individual e coletiva existente em torno da prenda. Ao buscar uma maneira de externar em um produto o saber adquirido ao longo do contato com as prendas, surgiu a organização da exposição fotográfica que tem a construção da prenda como tema geral composta por seis subtemas selecionados através da triagem das fotografias – o entorno, as pequenas ambiências organizadas para situar a prenda ou o grupo nos concursos e apresentações; a produção da prenda, o *making of* do vestir-se e maquiarse; a dança, o elo inicial entre a mulher e sua participação nos Centros de Tradições, elemento pelo qual toda a indumentária é organizada; o canto, a voz como instrumento musical através do ritmo, da afinação e da interpretação é uma das modalidades dos concursos que o DTG inscreve participantes; a Ciranda de Prendas, evento anual onde as prendas são submetidas às provas artísticas e teóricas a fim de conquistar a faixa de destaque como 1ª, 2ª, e 3ª Prenda nas categorias Mirim, Juvenil e Adulta; e a relação com o peão, caracterizado pela interpretação durante as danças através dos olhares, sorrisos, o cortejo à prenda e valorização de sua delicadeza. O trabalho que se fez fundamentou-se em dois capítulos dissertativos de pesquisa bibliográfica e o terceiro contendo as fotografias produzidas e os elementos necessários para a produção e execução de uma exposição fotográfica.

Palavras-chave: Prenda. Movimento Tradicionalista Gaúcho. Construção de imagem. Exposição fotográfica.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós Graduação Profissional em Patrimônio Cultural
Universidade Federal de Santa Maria

"POR DEBAIXO DOS PANOS": A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA PRENDA TRADICIONALISTA POR MEIO DE EXPOSIÇÃO FOTOGRAFICA DO DEPARTAMENTO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS NOEL GUARANY

AUTHOR: CAMILLA RODRIGUES MILDER

ADVISOR: MARIA MEDIANEIRA PADOIN

Date and Place of Defense: Santa Maria, 7th June 2013.

The following dissertation produced a photographic exposure in order to make the record and also make more visible the activities of the “prendas” of the Noel Guarany Gaucho Traditions Department, linked to Federal University of Santa Maria. The Department is composed by students, teachers and employees of the University itself that supports the cultural demonstrations, allowing the insertion of the traditionalist community, valorizing the local and regional patrimony. This work tried to understand how is the work of the woman representation as a “prenda” given, from the eyes of the Traditionalist Move in the DTG Noel Guarany’s entity. By observing the attendance of the DTG in nine events done by the state of Rio Grande do Sul, they realized the symbolic game of power, honor, dressing patterns, individual assertion and also collective action existing around a “prenda”. By searching a way to express a product, the knowing acquired along the contact if the “prendas”, an organization of the photographic exposure showed up and it has the construction of the “prenda” as a general theme composed by six sub-themes selected through the screen of photographs – the surrounding; prenda’s makeup, the changing making of and making themselves up; the dance, the initial connection between the woman and her role in the Tradition Center, one element which all the garments is organized; the singing, the voice as an musical instrument through the rhythm, de tuning and the interpretation is one of the modalities of the contests that the DTG subscribe their participants; the relationship with the peon, characterized by the interpretation during the dances under the eyes, smiles, the entourage to the “prenda” and valorizing of her delicacy. The work that was done, was based in two dissertations chapters of bibliographic research and the third one having the photographs produced and the elements needed for the production and execution of one photographic exposure

Keywords: Prenda. Exposure Photography. Imagetive Construction. Gaucho Traditions Departament.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Histórico das indumentárias gaúchas.....	47
Imagem 2 – O Rio Grande do Sul e as Regiões Tradicionalistas	53
Imagem 3 – Galeria de Prendas e Peões do DTG Noel Guarany	55
Imagem 4 – Galeria de Prendas e Peões do DTG Noel Guarany	56
Imagem 5 – Comparação entre o olho humano e a câmera fotográfica	65
Imagem 6 – Recortes de Quadro de um mesmo objeto	69
Imagem 7 – Visão Frontal da exposição fotográfica no Shopping Royal Plazza	73
Imagem 8 – Visão aérea do local da exposição sem os cavaletes no Shopping	73
Imagem 9 – Cavalete 1: o entorno	76
Imagem 10 – Cavalete 2: o entorno	77
Imagem 11 – Cavalete 3: o entorno	78
Imagem 12 – Cavalete 4: a produção da prenda	79
Imagem 13 – Cavalete 5: a produção da prenda	80
Imagem 14 – Cavalete 6: a produção da prenda	81
Imagem 15 – Cavalete 7: a dança	82
Imagem 16 – Cavalete 8: a dança	83
Imagem 17 – Cavalete 9: a dança	84
Imagem 18 – Cavalete 10: a dança	85
Imagem 19 – Cavalete 11: o canto	86
Imagem 20 – Cavalete 12: Ciranda de Prendas	87
Imagem 21 – Cavalete 13: Ciranda de Prendas	88
Imagem 22 – Cavalete 14: prenda e peão	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Texto de Apresentação para convite da exposição fotográfica	72
Quadro 2 – Listagem dos eventos acompanhados do DTG Noel Guarany	75
Quadro 3- Texto de apresentação da apresentação no formato de banner.....	75

LISTA DE ANEXOS

Anexo A – Autorizações para Uso de Imagem	102
Anexo B – Flyer de Apresentação da Exposição	120

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A MULHER NA CULTURA GAÚCHA E NO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO	27
1.1 Mulheres no Sul: A positivismo e a educação da mulher gaúcha	27
1.2 A organização do Movimento Tradicionalista Gaúcho	36
1.3 A Mulher no Movimento Tradicionalista Gaúcho	42
1.4 O Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany	52
2 A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA: OS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL REGIONAL TRADICIONALISTA	57
2.1 O olhar da fotografia	66
3 O PROJETO DA EXPOSIÇÃO	71
CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIAS	94
ANEXOS	102

INTRODUÇÃO

Durante uma apresentação de dança como parte das atividades de uma gincana na graduação de Comunicação Social Habilitação em Jornalismo, no campus da Universidade Federal de Santa Maria, na cidade de Frederico Westphalen, região noroeste do estado do Rio Grande do Sul, em razão dos festejos de 20 de setembro no ano de 2009, um rapaz de outro estado, vindo de São Paulo, aproximou-se, comentando: “Não entendo porque vocês vestem essas fantasias!” Após o espanto e um leve riso, comecei a explicar-lhe que aqueles trajes compunham a indumentária oficial do estado do Rio Grande do Sul e que tinha por nome “pilcha”. O rapaz seguiu confuso, apontando que os vestidos eram parecidos com os trajes caipiras de seu estado, só que mais longos, tanto no comprimento das mangas quanto no tronco inferior e ainda comparou o desfile farroupilha com os desfiles realizados no Carnaval do Rio de Janeiro, com seus carros alegóricos e fantasias desfilando no Sambódromo da Marquês de Sapucaí¹.

Para os que são gaúchos, a comparação poderia soar de forma ofensiva, uma vez que, atualmente, o carnaval remeta a uma diversão exacerbada, com pouco ou nenhum traje no vestir. Passei grande parte daquela tarde explicando do sentimento gerado em torno às comemorações de 20 de Setembro, dando exemplos de propagandas, reportagens e minisséries para que pudesse sentir-se melhor situado, uma vez que cursávamos a mesma graduação em Jornalismo.

Tal conversa remete ao etnocentrismo, onde o grupo do “eu/nosso” é a referência central a partir de onde os outros são pensados, através de “nossas” definições e “nossos” modelos. Everardo Rocha, autor do livreto *O Que é Etnocentrismo?* (1988), nos diz que no plano intelectual, o etnocentrismo se apresenta como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo se mostra com os sentimentos de estranheza, medo e hostilidade. Ambos os planos estavam ativos durante a conversa com o jovem paulista, cada um tentando fazer o seu grupo do ‘eu’ ser o natural e o superior, enquanto o grupo do “outro” sempre seria classificado como o anormal e até mesmo o engraçado, estranho e diferente.

(...) de um lado, conhecemos um grupo do “eu”, o “nosso” grupo, que come igual, veste igual, gosta de coisas parecidas, conhece problemas do mesmo tipo, acredita nos mesmos deuses, casa igual, mora no mesmo estilo, distribui poder da mesma forma, empresta à vida significados em comum e

¹ Passarela projetada por Oscar Niemeyer na Avenida Marques de Sapucaí no município do Rio de Janeiro para a exibição dos desfiles das escolas de samba.

procede, por muitas maneiras, semelhantemente. Aí, então, de repente, nos deparamos com um 'outro', o grupo do 'diferente' que, às vezes, nem sequer faz coisas como as nossas ou quando as faz é de forma tal que não reconhecemos como possíveis (p.05).

Ocorreu-me então que filmes, novelas, anúncios televisivos, jornais impressos, entre outros meios, veiculam imagens que contribuem na construção de representações de ambiências e comportamentos pelo público. Essas imagens, como afirma Kellner (2001, p.09), “fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a construir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões”. Essa partilha de determinados símbolos gera uma identidade que, a grosso modo, designa esses traços que identificam grupos sociais e os difere dos demais.

Essa diferenciação, no entanto, se tornou significativa no desenvolvimento da cultura humana. Pesavento (1995) afirma que as sociedades, ao longo de sua história, produzem suas próprias representações; Calhoun (1994 apud Castells 1999) também explica que não há “conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida” (p.22).

Um das principais e primeiras fontes de identidades são aquelas em que nascemos. Como explica Hall (2006) essas identidades não estão expressas em nossos genes, mas ainda assim, as agregamos a nossa natureza. Da mesma forma que eu agregara símbolos da cultura gaúcha, o rapaz com quem conversara na Universidade agregara símbolos da cultura em que nascera e estivera sempre em contato. O que sabemos sobre ser brasileiro ou sobre ser gaúcho parte do modo de como esse brasileiro ou esse gaúcho veio a ser representado e a manutenção dada a essa representação.

Em *O Centauro e a Pena*, Zalla (2010) traz exemplos diários e muitas vezes não percebidos pela grande parte das pessoas em contato essas representações do “ser gaúcho”:

Lemos nas janelas dos ônibus da capital que tendo cavalo encilhado e prenda ao lado, o gaúcho é feliz². Lemos no jornal um ex-governador dizer

² O poema “Caminho do Criolo” da 16ª Edição do “Concurso Poemas no ônibus e no Trem” em 2008, escrito por Michel Teixeira Pereira foi um dos escolhidos para estampar as janelas dos ônibus e trensurb da capital porto-alegrense. Seus versos são: “Nasce o guri/ Vem o sonho:/ Dia, noite)

que a identidade gaúcha é a síntese das nossas diferenças e aquilo que unifica negros, índios, brancos, mulatos, homens, mulheres, crianças, jovens, idosos, campo, cidade, capital e trabalho³. Vemos um senador da República, com reconhecida trajetória política de luta em prol dos direitos dos trabalhadores e de defesa dos movimentos sociais, sentir saudade dos farrapos⁴. Tudo isso embalado por músicas que cantam o “céu azul⁵” de nossa terra e nos dizem que “Deus é gaúcho de espora e mango⁶” (p.13).

Em um país tão vasto quanto o Brasil, diversas identidades regionais se configuram: a nordestina, a mineira, a paulista, a carioca, a catarinense, entre outras, assim como a identidade gaúcha, que dentre todas configura uma exceção, vivendo, como afirma Corso (2006), na condição de brasileiro estrangeiro. Ao analisar a sociedade gaúcha, Pesavento (1993), afirma que:

É por todos sabido que existe um estereótipo sobre o Rio Grande do Sul, sobre os gaúchos e sobre a região sulina como um todo e que se traduz em imagens mentais e objetais, em personagens - símbolos, em ritos, crenças, valores, práticas sociais e manifestações artísticas (p.383).

O sentimento de pertencimento gaúcho à sua terra é extremamente forte. Entre os elementos que constituem a identidade cultural gaúcha e a torna reconhecível, Jacks (1999, p.85) aponta os “valores ligados ao ideal de bravura, coragem, índole guerreira, regras de vestir, de pensar e de comportamento, unicidade da cultura gaúcha que diferencia o Rio Grande do Sul do resto do país”.

Neste estado sulino, os questionamentos de identidade – quem somos e de onde viemos – mostram uma forte presença da questão fronteiriça, não apenas quando denota limites demográficos instituídos, mas também quando envolve a aproximação de mentalidades, ideias, costumes, maneiras de ser, modos de sobrevivência, entre outros.

Sandra Jatahy Pesavento (2001, p.8), fala a cerca das fronteiras,

Pampas, cavalos/ Encilhar é preciso/ Minuano sopra / Perfume de prenda/ Festa de galpão / Criolo criado, / Cavalos encilhado,/ Prenda do Lado,/ Gaúcho Feliz...”.

³ Ex-Governador Germano Rigotto, na matéria Identidade Gaúcha, no jornal Correio do Povo. Porto Alegre, 17 de setembro de 2008, p.4.

⁴ Senador Paulo Paim, do Partido dos Trabalhadores (PT), descrevendo o estado: “Ah, como é gigante esse nosso Rio Grande velho de guerra, Rio Grande do povo, Rio Grande da diversidade, Rio Grande da terra, Rio Grande dos rios, Rio Grande dos caminhos, Rio Grande dos heróis, Rio Grande dos presidentes, Rio Grande dos trabalhadores, Rio Grande da história que tem gravada em seus registros o memorável feito da Revolução Farroupilha”, no artigo “Saudade dos Farrapos”, publicado no jornal Zero Hora. Porto Alegre, 20 de setembro de 2008, p.20.

⁵ Versos de Elton Saldanha, na música “Eu sou do Sul”, que dizem: “Eu sou do Sul/ é só olhar pra ver que eu sou do Sul/ A minha terra tem o céu azul/ é só olhar e ver”.

⁶ Trecho da música “Querência Amada”, de composição de Victor Mateus Teixeira, conhecido como “Teixeirinha”.

antes de serem marcos físicos ou naturais, são sobretudo, simbólicas. São produtos dessa capacidade imaginária de refigurar a realidade, a partir de um mundo paralelo de sinais, através do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo. Faz parte desse jogo de representações estabelecer classificações, hierarquias e limites, que guiam o olhar e a apreciação, pautando condutas. [Faz parte] daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença e alteridade com relação a outros. Mas as fronteiras não são apenas marcos divisórios construídos, que representam limites e estabelecem divisões. Elas também induzem a pensar na passagem, na comunicação, no diálogo e no intercâmbio. Figurando um trânsito não apenas de lugar, mas também de situação ou época, essa dimensão da fronteira aponta para a instigante reflexão de que, pelo contato e permeabilidade, a fronteira possibilita o surgimento de algo novo, híbrido, diferente, mestiço, de um terceiro que se insinua nesta situação de passagem.

Os diversos períodos de instabilidade e conflitos na região que hoje configura-se como o estado do Rio Grande do Sul deu-se exatamente em relação direta com a questão fronteiriça. Analisando a influência da região platina⁷, Pesavento (2009) explica:

Situada no extremo sul do Brasil – fronteira às frentes da colonização espanhola no rio do Prata – a região do que é hoje o Rio Grande do Sul foi incorporada tardiamente ao Brasil colonial. Zona de fronteira com os castelhanos e de posse incerta, o extremo sul era região essencial para o acesso ao Prata (p.235).

O tão conhecido gaúcho de peleias⁸ em defesa de sua terra e de seus princípios, nem sempre foi um personagem muito valorizado na região platina. No século XVIII, ainda na época das derrocadas das reduções jesuíticas, havia um ser que pouco se importava com as leis, que tinha ódio pelos bandeirantes e contrabandeava gado na região do Prata– o gaúcho.

A primeira vez que o nome surgiu em documentos deu-se quando um integrante da Comissão Demarcadora de Limites do Tratado de 1777, Dr. José de Saldanha, assim o definiu em seu diário: “Gauches – palavra espanhola usada neste país para designar os vagabundos ou ladrões do campo que matam os touros, tiram-

⁷ A região platina corresponde aos atuais territórios do Paraguai, Uruguai, assim como do pampa argentino e da campanha sul-riograndense, banhados pelos rios que dão origem a Bacia do Rio Prata. Durante o período colonial, estas áreas mantinham intercâmbio comercial, assim como aproximação de mentalidades e ideias.

⁸ Briga, contenda, disputa.

lhe o couro e vão vender ocultamente nas povoações” (apud LESSA, 2002, p.86). Nicolau Dreys, em *Notícia Descritiva da Província de Rio Grande de São Pedro* (1990), apresenta sua opinião, após percorrer o RS por dez anos, de 1817 a 1827, “mestiços e nômades, sem chefes, sem leis, os gaúchos não tem da moral social, senão ideias vulgares” (p.26).

Seu aspecto físico também não agradava ou auxiliava para uma mudança na opinião de pesquisadores e militares que por ali passavam, descreviam como

sempre sujios, suas barbas sempre por fazer, andam descalços e mesmo sem calças sob a completa cobertura do poncho. Trabalham apenas para adquirir o tabaco que fumam e a erva-mate paraguaia que tomam em regra sem açúcar e tantas vezes por dia quanto é possível (NICHOLS, 1946 apud DUTRA, 2001, p.16).

No entanto, a positivação da palavra ‘gaúcho’ começa a mudar com a organização das estâncias de gado, que haviam ganhado maior importância no final do século XVII e XVIII. A povoação das terras que iam até a Colônia de Sacramento se tornou de interesse ao Império Luso-brasileiro e o Rio Grande do Sul passara então a ser visto como ponto estratégico pela coroa portuguesa. O gaúcho não ficou inerte a essas mudanças, acabou também sendo atingido. Com os campos delimitados e cercados, foram sendo incorporados ao trabalho pastoril como peões.

Quem não tem estância – o caso do peão que mora no rancho à beira-chão, quem não possui grandes extensões de terra, vê-se relegado à sorte: é forçado, inclusive, a separar-se dos filhos e buscar ocupação em campos distantes – onde faltam braços para o trabalho sofrendo, por conseguinte, o influxo da família e os costumes do patrão (GOULART, 1978, p.30).

Além dos latifúndios, as guerras e peleias também são fatores determinantes na troca de sentido do termo. Entre tantas disputas, a pesquisadora Maria Eunice Maciel (2001, p.242) destaca a Guerra do Paraguai “dada à participação e destaque nacional das tropas rio-grandenses, o que teria feito com que o gaúcho fosse visto com louvor e admiração”, uma vez que compunham a maior parte do contingente. Hilda Flores (2010) fala sobre a Guerra do Paraguai como a mais longa guerra internacional da América Latina, 1865 até 1870, “nascida da ambição de governantes absolutistas em confronto com os países limítrofes, agredidos e organizados na Tríplice Aliança” (p.07).

É deste período o romance *O Gaúcho*⁹, de José de Alencar, publicado em 1870. O escritor cearense, ao escrever o livro, com sua influência intelectual fizera com que a posituação do gaúcho fosse reafirmada a nível nacional. Entretanto, o local que deu ao imaginário gaúcho sua “maior glória” foi o campo de batalha com a Revolução Farroupilha, ocorrida anos antes à Guerra do Paraguai, em 1835 a 1845.

Ao final do século XVIII, o Rio Grande do Sul tornara-se fonte militar para a Coroa e, uma vez que, o território era ocupado por estancieiros-soldados e soldados-estancieiros, “poucos obstáculos eram colocados ao exercício do poder local” (PESAVENTO, 2009, p.239). O charque era a principal atividade econômica e lucrativa do período, no entanto, com a ascensão dos cafeicultores e demais comerciantes no Rio de Janeiro a situação modificou-se.

Nós somos a estalagem do Império, diria o General Bento Gonçalves da Silva, estancieiro e militar, líder do movimento, ao explicar a atitude dos rio-grandenses em revolta: o Império servia-se dos homens, cavalos e munições, requisitava o gado e não retribuía com pagamento de indenização das perdas sofridas ou com atribuições de cargos e honrarias aos chefes de guerras locais. O sentimento que se generalizava era de que os valores dos rio-grandenses não estavam sendo reconhecidos pelo centro, após tantos serviços prestados na defesa da fronteira (PESAVENTO, 2009, 242).

A solidificação da identidade gaúcha veio dos campos de batalha com a Revolução Farroupilha de 1835 a 1845. Entretanto, essa visão de identidade consolidada é construída mais tardiamente, através da literatura riograndense, como afirma Zilberman (1980) e não no momento da Guerra em si. Ainda que o termo e o ideal Farroupilha já existissem desde os tempos de Pombal para designar os liberais exaltados que questionavam a monarquia absolutista, o imaginário social riograndense remete diretamente a Revolução Farroupilha como sendo inovadora e ousada. No entanto, nem sempre o termo “Revolução” designa a mudança de um regime político, por isso muitos líderes farroupilhas não partilhavam de ideais republicanos, mas todos tinham como propósito exigir da Corte melhorias para as condições da Província.

⁹ O romance conta a história de Manuel Canho, cujo pai, um grande conhecedor de cavalos, é assassinado. Em busca de vingança, Manuel também assassina seu padrasto, que se enamorara de sua mãe, após o falecimento do pai. Para buscar condições para sua família, vai atrás de seu padrinho, Bento Gonçalves, em meio a Revolução Farroupilha.

A literatura riograndenseretrata diversos episódios de bravura e batalhas da Revolução Farroupilha; como a batalha de Fanfa, um dos primeiros conflitos liderados pelo General Bento Gonçalves, que buscava o desligamento da Província com o Império; Porongos, a última das lutas, onde os lanceiros negros foram surpreendidos pelas tropas imperiais, sendo massacrados. Além da figura de Bento Gonçalves, General Netto era outro militar e estancieiro que lutava na Revolução, conhecido por seu contingente de guerreiros negros livres que o seguiam. Tanto Bento Gonçalves quanto Netto transformaram-se em referenciais para a afirmação da identidade do gaúcho¹⁰, mesmo que na época não fossem assim tratados como “gaúchos”.

Entretanto, para Necche (2008), a característica mais singular da Guerra dos Farrapos é a coesão social adquirida em torno da causa Farroupilha, um fator primordial para o estabelecimento de uma identidade. O povo, que era mestiço, fruto de miscigenações entre etnias politicamente desiguais (negros, brancos e índios) e distintas nacionalidades (portugueses, espanhóis e brasileiros), além de outras origens como aqueles do Uruguai, Argentina, Paraguai e entre outros, estava unido devido as “motivações do levante farroupilha em torno de uma causa comum, de uma bandeira, de um hino e até mesma uma pátria apartada do Brasil” (p.18).

Ao findar da guerra, a Província acabaria ainda pertencente ao Brasil com a assinatura da Paz do Poncho Verde. A partir de então, e especialmente, no final do século XIX com a criação do Partenon Literário¹¹ e nos anos 60, a literatura encarregou-se de construir não um espírito de derrota ou de rendição, mas inculcando no imaginário social a existência, de fato, uma nova pátria, uma nova identidade, um gaúcho e uma mulher de fibra, de coragem e de vitórias.

São em homenagem ao legado Farroupilha os nomes e localidades dos prédios públicos na capital Porto Alegre. A Sede do Governo chama-se Palácio Piratini¹², evocando o local onde foi proclamada a República Rio-Grandense. Ao seu

¹⁰ Os primeiro imigrantes já se encontravam estabelecidos em território riograndense, no entanto, não se integraram à luta farroupilha.

¹¹ O Partenon Literário foi uma associação literária brasileira, a principal agremiação no estado do Rio Grande do Sul no século XIX.

¹² A nomeação do prédio do Governo foi outorgado com o nome oficial de Piratini no ano de 1955, através do decreto do Governador Ildo Meneghetti.

lado, o Palácio Farroupilha¹³ é a sede da Assembleia Legislativa. A bandeira do estado riograndense também é outro símbolo peculiar, Rubem Oliven (2009) mostra a construção sentimentalista simbólica

entre o Rio Grande do Sul e Brasil que ficam evidenciadas na bandeira do RS, que é formada por três faixas coloridas, uma verde, a outra amarela, ambas evocando as cores da bandeira nacional, separadas por uma faixa vermelha denotando o sangue que foi derramado na história do estado (p.06).

Há também o escudo formado por canhões e lanças, com os dizeres: *Liberdade, Igualdade, Humanidade* – lema dos farrapos – e *República Rio-Grandense – Vinte de Setembro de 1835*, lembrando que o estado já fora uma república liberal.

No entanto, quando se fala da cultura gaúcha, o imaginário social exalta principalmente ao homem, mas há também, atualmente, uma exaltação do feminino. Ouvimos e vemos na televisão, nas revistas menção àquelas mulheres que são mais lindas do Brasil e também do mundo, onde novamente retomamos a questão das imagens veiculadas midiaticamente já discutidas anteriormente. São propagandas, cartazes, “outdoors” com as modelo Gisele Bündchen¹⁴ e Alessandra Ambrósio¹⁵; as apresentadoras Fernanda Lima¹⁶ e Christina Ranzolin¹⁷; atrizes como Larissa Maciel¹⁸ e Daniela Escobar¹⁹.

¹³ A construção iniciou no ano de 1955. Em 1967, o Legislativo mudou-se para o local em que situa-se até hoje.

¹⁴ Modelo nascida na cidade de Horizontina, no Rio Grande do Sul. No ano de 2000, eleita pela revista Rolling Stones a modelo mais linda do mundo e pela revista Forbes, nos anos de 2004 a 2010, como a mais bem paga entre as modelos. Em 2007 figurou no Guinness Book como a modelo mais rica.

¹⁵ Natural de Erechim, no Rio Grande do Sul. Era uma das modelos chamadas ‘angels’, da Victoria’s Secret. Eleita no ano de 2005 pela models.com como a mulher mais sexy do mundo. A Forbes, no ano de 2012, a listou como a 6ª modelo bem mais paga.

¹⁶ Gaúcha natural da capital Porto Alegre. Atualmente apresenta a terceira temporada de Amor e Sexo na Rede Globo, já tendo passagens por programas na MTV e RedeTV!

¹⁷ Nascida na cidade de Porto Alegre, é conhecida por estar desde o ano de 1996 à frente do Jornal do Almoço, da RBS TV filiada da Rede Globo.

¹⁸ A atriz também é nascida na capital gaúcha. Já atuou em várias curtas e também em novelas, seu papel mais conhecido é como Maysa, na minissérie de Jaime Monjardim no ano de 2009.

¹⁹ Natural da cidade fronteira de São Borja, no Rio Grande do Sul, a atriz é considerada uma das mais competentes, atuando em diversas novelas exibidas em horário nobre, assim como filmes. Interpretou Perpétua, filha de Bento Gonçalves, na minissérie A Casa das Sete Mulheres, de Jaime Mondardim no ano de 2003.

No entanto, o que se sabe sobre o passado desta mulher do Rio Grande do Sul, uma vez que tanto se tem produzido do “homem gaúcho”? Como eram seus costumes? E como enfrentou todos estes desafios e conflitos em que o homem estivera participando?

Sabemos que, assim como o homem gaúcho sofreu (re)significações e positavações, a mulher gaúcha também passara por um processo de significações. A mulher primitiva do Estado surgiu na figura da índia que, segundo Dutra (2001, p.39), eram “qualificadas pelos invasores e cronistas de lascivas e despudoradas, [sendo que] a historiografia não lhes reservara melhores predicado”. Deste modo, a índia foi relegada na construção da prenda como representação da mulher gaúcha. pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Em seu texto de participação no livro “*Nós, os gaúchos*” (1993), Arno Alvarez Kern escreve sobre “*Nós, os nativos*”, na visão de uma índia. Segue o relato,

esses brancos que haviam chegado em imensas ilhas flutuantes de madeira, através do mar, e que se haviam interiorizado pelos férteis vales cobertos pela floresta, conquistaram a terra e o corpo dos guaranis. Esses novos invasores foram os mesmos que levaram para as suas redes as mulheres dos guaranis, para delas fazer suas concubinas e procriar seus filhos mestiços (p.65).

Pela derrota nas batalhas, os nativos tornaram-se como escravos ou como animais domesticados sob o jugo dos senhores brancos. Após massacres e extermínios, foram incorporados às estâncias e fazendas para a prestação de serviço, tornaram-se peões, cuidavam do gado e da agricultura, os que haviam aprendido artes com os padres, foram ser artesãos. Como sintetiza Kern, “terminaram assim desaparecendo pouco a pouco nos milhares de mestiços da sociedade coloniais” (1993, p.67). Já as mulheres, em sua grande maioria, foram aproveitadas como amas de leite junto às famílias portuguesas e espanholas e, nos períodos de guerra, eram encarregadas pela comida e roupa lavada dos oficiais do exército.

O marido destas mulheres, ora um guerreiro em peleias e disputas, ora tropeiro cuidando dos interesses de seu patrão, estava sempre ausente, deixando assim, a cargo da mulher o ensino, educação, sustento e provisões. Como define

Lessa (1984, p.51), a mulher “assumiu, por necessidade, tanto as [suas] tarefas como a dos homens”.

Na história do Rio Grande do Sul, muitas são as mulheres, esposas, mães e filhas anônimas, sem rostos. Há aquelas que “andavam à cauda das colunas militares, a cavalo ou em carretas, incitando os soldados à luta, curando-lhe as feridas ou aquecendo-lhes o corpo e a alma” (SANT’ANNA, 2009, p.14). Também havia muitas entre as quais eram órfãs ou viúvas; assim como aquelas que aguardavam o retorno da batalha ou de viagens campeiras enquanto eram responsáveis pela fazenda e sustento da família. Elma Sant’anna em sua publicação “A mulher na Guerra dos Farrapos” (2009) traça o perfil de algumas dessas mulheres.

De Caetana Joana Francisca Garcia y Gonzales, esposa de Bento Gonçalves, sabe-se que “como outras mulheres da época, Caetana estava acostumada às rudezas daqueles tempos. Precisava manter a família unida. Acompanhou o marido nos momentos de prosperidade e na miséria” (p.19); o dia-a-dia de Berbardina Barcellos de Almeida, esposa de Domingos José de Almeida, comerciante, era em volta de tarefas que

não se resumiam à alimentação e cuidado com as crianças, mas a uma complexa economia doméstica, tão comum no período. Produzir laticínios e cultivar hortas e pomares, de onde se faziam conservas, compunha parte das tarefas, assim como garantir as roupas da família e da escravaria (SANT’ANNA, 2009, p.38).

Sant’anna (2009) também cita Clarinda Porto da Fontoura, que organizou um arquivo com as cartas que seu marido, Antônio Vicente da Fontoura, mandara ao longo da Revolução Farroupilha; a história de Nísia Floresta, que com a morte do esposo, abriu uma escola de meninas para sustentar os filhos; Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, que serviu como jornalista. Mulheres que sustentaram tanto a economia da Província, quanto seus lares e negócios em tempos de guerra e adversidades.

O homem luta e tem reconhecimento público, recebe honrarias e retribuição pecuniária pelo seu patriotismo; para a mulher, mil desconfortos, insegurança, medos, estupros, trabalhos pesados, fome, privações materiais e afetivas; e para as sobreviventes viúvas, a difícil tarefa da reconstrução, no pós-guerra, quando não mais conta com o braço forte do

mantenedor – pai, marido ou filho tombados (FLORES, 2010 p.23).

Auguste de Saint-Hilaire (1935) registrou esse grande número de personagens femininas que comandavam e trabalhavam nas estâncias nos períodos de carência de seus esposos.

A ausência masculina, seja pela pecuária ou por batalhas e guerras, deu destaque aos homens nas atividades políticas e de luta. Mas essa ausência também exigiu das mulheres uma maior desenvoltura nos empreendimentos financeiros a fim de manter a sobrevivência da família, ultrapassando os limites das tarefas delegadas ao seu sexo. Hilaire (1935 apud DEL PRIORE, 1997, p.280).

O registro de Saint-Hilaire ressalta a conclusão feita por Pesavento (1995) de que a função “guerreira” do homem só foi bem sucedida, porque havia um suporte feminino implícito e organizacional, que lhes permitiam permanecer afastados das lidas por vários dias ou meses.

Na busca de referências para a revisão literária deste trabalho, percebeu-se que muito se produz sobre o gaúcho. Encontra-se com facilidade discursos voltado para o masculino, entretanto, poucas ainda são as produções e publicações que tenham o feminino – no caso, a mulher gaúcha – como tema central. Todavia, ao ampliar a pesquisa para o macrocampo da história das mulheres, nota-se rapidamente a hegemonia do androcentrismo na História. Michelle Perrot e Georges Duby na Europa, Joan Scott e June Hahner nos Estados Unidos, assim como Mary Del Priore e Rachel Soinet, no Brasil, que servem como base bibliográfica para este trabalho, falam sobre a invisibilidade imposta às mulheres e questionam: “terão mesmo as mulheres uma história?” (PERROT, Michelle, 1990, p.7).

Cécile Dauphin (1978 apud PETERSEN, 1999, p.494) é outra pesquisadora que destaca o homem como objeto da ciência há mais de dois séculos, afirmando que, “sendo a história um trabalho de homens que escrevem a história no masculino, não é de admirar que a exclusão da mulher tenha parecido e pareça ainda absolutamente natural”. A quase inexistência de registros acerca das mulheres e as representações sobre as mesmas baseadas em discursos masculinos revelam-se desafios constantes, uma vez que elas são descritas como eram pensadas ou interpretadas por uma sociedade patriarcal.

June Hahner, na introdução de seu livro *A Mulher Brasileira e suas Lutas Sociais e Políticas* (1981), discorre sobre a indagação inicial deste artigo em relação a busca da presença das mulheres na história oficial,

“...[essa questão] diz respeito à natureza da história tradicional assim como àqueles que a escrevem. Os homens, enquanto transmissores tradicionais da cultura na sociedade, incluindo o registro histórico, veicularam aquilo que consideravam e julgavam importante. Na medida em que as atividades das mulheres de diferenciaram consideravelmente das suas, elas foram consideradas sem significação e até indignas de menção. Por isso as mulheres permaneceram à margem das principais relações do desenvolvimento histórico” (p.14).

Esta negação do direito passa a constituir-se em um problema para a reconstituição da história, tanto da própria história das mulheres como a Universal. O historiador Michel de Certeau (1986 apud PETERSEN, 1999) faz observações em relação a isso, “o fato das mulheres terem sido excluídas, não só tornou a História incompleta, mas também determinou que o domínio que se tem do passado seja parcial” (p.33). A busca pelo estudo do feminino questiona o papel central e tradicional que os homens ocuparam e ocupam nas narrativas, apesar disso, todas as novas descobertas e o conhecimento que passa a ser agregado não deve ser pensado e interpretado como o mais correto, preterindo o conhecimento já disseminado, mas é necessária uma reavaliação, uma releitura de todo o conhecimento adquirido.

Christopher Hill (1987) nos diz que a história precisa ser reescrita a cada geração. Ainda que o passado não mude, o presente se modifica, uma vez que cada geração fomenta e formula novas perguntas a esse passado e assim “encontra novas áreas de simpatia à medida que revive distintos aspectos das experiências de suas predecessoras”(p.31).

Michelle Perrot (2007) também acrescenta à discussão o tempo necessário para as novas perguntas e buscas de novas respostas, ao afirmar que no século XVIII ainda se discutia se as mulheres seriam seres humanos como os homens ou se estavam mais próximas dos animais irracionais. Somente no século XIX começa a ser reconhecido seu direito à educação e no século XX descobre-se então que as mulheres têm uma história. “Também ficou claro, finalmente, que a história das mulheres podia ser escrita” (p.11).

Não obstante, para escrever a história são necessárias fontes, diversos documentos, vestígios e comprovações. O que, no caso das mulheres, é uma

grande dificuldade. “Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos; seus arquivos, destruídos” (Perrot, 2007, p.11). Mas é na documentação existente, em crônicas da época, na literatura em que buscam-se elementos que possam verificar a presença feminina, possibilitando assim traçar um perfil dessas mulheres. Laura de Melo e Souza (1982) relembra que a um historiador não é possível inventar nada, apenas trabalhar com documentos que existem, entretanto, pode-se reinventá-los, lê-los com novos olhos.

Hahner (1981) cita várias fontes consultadas, entre elas baladas e crônicas de acontecimentos memoráveis de famílias, registros notariais ou judiciais, testamentos, jornais e revistas que “serviam para o esclarecimento de uma variedade de itens, como divórcio, sufrágio feminino ou feminismo, incluindo tanto conceitos tradicionais quanto os pontos de vista reformadores acerca das mulheres e da família” (p.21).

Entretanto, Soihet (1997) ressalta a escassez desse tipo de documento citados por Hahner, que contribuem para

(...) um dos grandes problemas enfrentados pelos historiadores pois encontram-se mais facilmente representações sobre a mulher que tenham por base discursos masculinos determinando quem são as mulheres e o que devem fazer. Daí a maior ênfase na realização de análise visando captar o imaginário sobre as mulheres, as normas que lhes são prescritas e até a apreensão de cenas do seu cotidiano, embora à luz da visão masculina constituem-se numa fonte privilegiada de acesso ao universo feminino (p. 295).

A retomada do ‘surgimento’ do gaúcho e da mulher gaúcha tratada nos parágrafos desta apresentação demonstra o quanto ambos – homem e mulher- são agentes ativos e transformadores na sociedade, mesmo que suas ações sejam focalizadas e destinadas a ênfases diferentes. No estado do Rio Grande do Sul, existe uma entidade que organiza, produz e difunde os mais diversos aspectos da cultura gaúcha, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, conhecido pela sigla MTG. Esta instituição, em sua página oficial²⁰ na internet, caracteriza-se pela dedicação “à preservação, resgate e desenvolvimento da cultura gaúcha, por entender que o

²⁰ Site oficial do Movimento Tradicionalista Gaúcho: www.mtg.org.br

tradicionalismo²¹ é um organismo social de natureza nativista, cívica, cultural, literária, artística e folclórica”.

É o Movimento Tradicionalista que agrega os valores, ações e funções à mulher e ao homem, também conhecidos como a prenda e o peão tradicionalistas. Ao produzir o percurso teórico metodológico deste trabalho, não busca-se apontar as diferenças entre os sexos, mas construir uma abordagem centrada nas práticas elaboradas a fim de produzir um sentido para a mulher gaúcha em torno da figura da prenda.

A prenda é inserida na história da tradição do Rio Grande do Sul como integrante do patrimônio cultural regional, através do processo iniciado pelo Movimento Tradicionalista. Esses patrimônios proporcionam um entendimento na construção de identidades coletivas, assim como o uso simbólico que os grupos atribuem aos seus bens como forma de referendar o passado. Em relação a esse patrimônio, Gonçalves (1996 apud OLIVEIRA 1996, p.10) afirma que

os patrimônios culturais são estratégias por meio dos quais grupos sociais e indivíduos narram sua história e sua identidade, buscando para elas um lugar público de reconhecimento, na medida mesmo em que as transformam em 'patrimônio'. Os diálogos e as lutas em torno do que seja o verdadeiro patrimônio são lutas pela guarda de fronteiras, do que pode ou não pode receber o nome de 'patrimônio', uma metáfora que sugere sempre unidade no espaço e continuidade no tempo no que se refere à identidade e memória de um indivíduo ou de um grupo. Os patrimônios são, assim, instrumentos de constituição de grupos sociais e seus representantes em sua luta por reconhecimento social e político no espaço público. Na medida em que torno público um conjunto de objetos que, até então, tinham apenas existência privada, altero as fronteiras entre um e o outro domínio, altero minha posição em relação a interlocutores situados no espaço público.

Sendo o patrimônio cultural o resultado da ação do homem, é importante compreender como os indivíduos se apropriam desse patrimônio cultural para afirmarem uma determinada identidade, no caso deste trabalho a relação do tradicionalismo com a mulher gaúcha, representada na figura da prenda. Para tanto, trabalhamos em parceria com o Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany entidade filiada ao MTG, da Universidade Federal de Santa Maria ao longo do ano de 2011 e 2012, realizando um levantamento de suas atividades e apresentações.

²¹ Tradicionalismo, de acordo com as conceituações do MTG é um estado de consciência que busca preservar as boas coisas do passado, sem conflitar com o progresso, através do cultural, vivenciar e preservar o patrimônio sócio-cultural do povo gaúcho. Fonte: www.mtg.or/conceitacoes

Neste contexto, apresentamos a seguinte dissertação intitulada “*Por debaixo dos panos*”: *a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany*, que tem por objetivo de estudo entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany. Produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes, técnicos administrativos e professores da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional. A divulgação do patrimônio cultural proporciona a valorização dos indivíduos e a construção de uma memória coletiva, gerando unicidade e identidade.

O estudo que se faz fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica e se divide em dois capítulos dissertativos e o terceiro contendo as fotografias produzidas no formato da exposição. Para fins de organização, os capítulos, seguidos desta apresentação, estão configurados da seguinte maneira:

O primeiro capítulo: “A mulher na cultura gaúcha e no Movimento Tradicionalista Gaúcho”, busca historiar o Movimento Tradicionalista Gaúcho, partindo da ideia de que o discurso tradicionalista cria, significa e (re)significa o gaúcho, também é aquele que constrói a representação da imagem da mulher na figura da prenda. Para abordar o objetivo central deste trabalho – a representação do feminino gaúcho – é necessário buscar o discurso construído no contexto tradicionalista influenciado pelas teorias positivistas de Comte. Ao longo do capítulo caracterizamos a mulher dentro do positivismo. Não analisamos a filosofia pura, mas a influencia de suas ideias na construção do comportamento. Também trabalhamos a figura masculina do gaúcho que constitui o elemento central da cultura tradicionalista, pois é a partir deste gaúcho que elabora-se a figura da prenda, efetivada e reafirmada nas danças e na indumentária.

O **segundo capítulo: “A organização da exposição fotográfica: os olhares sob o patrimônio cultural regional tradicionalista”** aborda a heterogeneidade dos patrimônios, as classificações dadas de patrimônio imaterial e patrimônio material e o pensar a conceituação de patrimônio cultural além destas divisões. Também apresentamos os elementos básicos e fundamentais para a organização da exposição fotográfica pretendida como produto desta dissertação, assim como a questão de objetividade e subjetividade nas fotografias.

E o **terceiro capítulo: “O projeto da Exposição”** descreve as atividades realizadas em parceria com o Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, o processo de seleção e agrupamento das fotografias para a exposição em seis subtemas: *o entorno, a produção da prenda, a dança, o canto, a ciranda de prendas e a relação com o peão*. Além dos croquis de montagem e organização física da exposição, assim como as fotografias nos quatorze cavaletes.

CAPÍTULO 1 – A MULHER NA CULTURA GAÚCHA E NO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO.

1.1 Mulheres do Sul: O positivismo e a educação da mulher gaúcha.

No Rio Grande do Sul, com o início da República no final do século XIX, a família estava se institucionalizando na forma conjugal, monogâmica, nuclear, com disciplina sexual. Segundo Duarte (1995), o conceito atual que possuímos de família é proveniente de diversos agenciamentos culturais ocidentais. Levi –Strauss (1956) propõe uma conceituação clássica para o termo *família*,

usado para definir um grupo social originado no casamento, constituído por marido, esposa e pelos filhos provenientes dessa união, com membros devidamente unidos por laços legais, direitos e obrigações econômicas, religiosas e outras, com uma variedade de sentimentos psicológicos, tais como amor, afeto, respeito e medo.(p.34)

Ao buscar informações sobre a constituição familiar dentro do recorte do Brasil e Rio Grande do Sul, a pesquisadora Angela Mendes de Almeida, em seu livro *Pensando a Família no Brasil (1987)*, caracteriza a família do início do século XX,

é intimista, fechada para si, reduzida ao pai, mãe e alguns filhos que vivem sós, sem criados, agregados e parentes na casa, eis o modelo de modernidade no limiar do século XIX. A mulher, 'rainha do lar', mãe por instinto, abnegada e vivendo em osmose com os bebês, sendo ela o canal da relação entre eles e o pai, que só se fará presente para exercer a autoridade. Essa família, é bom que se diga, continua patriarcal: a mulher 'reina' no lar, dentro do privado da casa, delibera sobre as questões imediatas dos filhos, mas é o pai quem comanda em última instância (p.61).

A atuação social da mulher e seus deveres voltados para o matrimônio é a principal característica nesta sociedade patriarcalista. O patriarcalismo é uma estrutura que se define pela autoridade, imposta institucionalmente, como cita Castells (1996) do homem sobre a mulher. E, a fim de manter o exercício de tal autoridade, “é necessário que a patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura” (p.169). Para Badinter, em *Relações entre homens e mulheres (1989)*, o patriarcado não

designa só uma forma de família baseada no parentesco masculino e no poder paterno, mas também “toda estrutura social que nasça de um poder do pai.” Explica a autora que o poder do pai se transfere à sociedade, convertendo-se no poder dos governantes.

Em meio a esses valores, uma teoria vinda da Europa passou a ser difundida nos estados brasileiros, no entanto, foi no Rio Grande do Sul que o Positivismo de August Comte encontrou terreno fértil, principalmente pelo fato de a estrutura familiar ser baseada na ordem patriarcal, uma vez que já estava enraizada à cultura a hierarquia, a obediência e a autoridade entre os membros da sociedade, afetando durante anos o ambiente político-social gaúcho. Foi essa hierarquia nas designações dos papéis femininos e masculinos que abriu as portas para a disseminação das teorias comteanas. Pesavento (1979) explica que a filosofia positivista de Comte surgiu num contexto europeu convulsionado pelas transformações advindas da Revolução Industrial. Dentro desse panorama, Comte erigiu-se como defensor da sociedade burguesa em ascensão.

Na teoria de Comte, a mulher tem um papel básico e primordial na busca e aperfeiçoamento da sociedade positivista. O próprio teórico justifica que

por mais sólidos que sejam os fundamentos lógicos e científicos da disciplina intelectual que a filosofia positivista instituiu, esse regime severo é demasiado antipático aos espíritos atuais para que ele possa prevalecer sem o apoio irresistível das mulheres (COMTE, 1983, p.124).

O sucesso da teoria se daria através da influência feminina no seio familiar, na educação dos filhos e no prestígio junto ao marido. A moral da mulher era superior ao dos homens, pois diferentes destes, ela não possuía contato com os vícios aquém de seu lar. Os positivistas a viam como a “guardiã de toda a moral”. A construção desse modelo feminino acabou sendo aceita, desejada e defendida. “A submissão ao pai e ao marido, a fragilidade, a obediência, o recato eram alguns dos valores a serem perseguidos pelas fêmeas que se quisessem passar por honestas” (CARDOSO, p.14, 1995).

A religião auxiliava a reprodução dos ideais positivistas e, ainda nos dias de hoje, é possível perceber os resquícios da educação positivista, principalmente dentro do catolicismo. Comte desenvolveu um sistema religioso conhecido como

“Religião da Humanidade”, segundo Costa Leal (1996, p.55), “somente através dessa religião é que se efetuará o grande projeto do Positivismo: a regeneração humana e a reforma social”.

As figuras da mãe, da esposa e da filha constituíam uma tríplice angélica para o desenvolvimento de três instintos: o apego, a veneração e a bondade. Assim como no catolicismo, o casamento representava o sacramento principal, destinando-se ao melhoramento moral dos cônjuges, abstendo-se de toda a sensualidade, onde o sexo possuía apenas a função social de gerar um novo membro da Humanidade. Comte também chamou de “casamento casto” o relacionamento entre os casais que não poderiam procriar, deixando, assim, de serem fundamentais as relações sexuais, passando, então, os cônjuges a estabelecer uma casta amizade.

Na sociedade positivista, os papéis femininos e masculinos eram bem definidos. Dos homens, era requerido o trabalho e sustento da casa; já às mulheres cabia o respeito ao marido e também a seu pai, assim como zelar pela educação moral familiar, uma vez que a família é a instituição mais importante na sociedade.

A organização das atividades executadas por ambos os sexos também auxiliavam na manutenção do modelo familiar. No seio da família deveriam ser ensinadas e repassadas todas as regras institucionalmente aceitas e praticadas. Para Chauí (1981, p.88), a família comteana é

natural (biológica), sagrada (desejada e abençoada por Deus), eterna (sempre existiu e sempre existirá), moral (a vida boa, pura, normal, respeitada) e pedagógica (nela se aprendem as regras da verdadeira convivência entre os homens, como o amor dos pais pelos filhos, com o respeito e temor dos filhos pelos pais, com o amor fraterno).

Desde criança, a menina recebia instruções sobre economias domésticas e a maneira correta de comporta-se quando esposa. Toda a sua educação e aprendizagem deveria desenvolver na mulher o desejo de tornar-se mãe. As posições de Filha, de Irmã e de Esposa eram preparações naturais dessa função suprema.

O Jornal *Gazetinha* da capital Porto Alegre, no final do século XIX e início do século XX já publicava sobre a conduta da mulher:

1º Fala pouco, escuta muito, não interrompas nunca; 2º conserva naturalidade no tom e nos pensamentos; 3º que a tua voz não seja muito baixa que aborreça quem te ouça, nem muito alta que te incomode; 4º fala a cada um sobre o que ele sabe melhor ou gosta mais; 5º se contares alguma coisa que as tuas narrativas possam interessar a todos. Aconselho-te a que afares delas minúcias ociosas; 6º mostra-te benévola sem lisonja, sincera sem grosseria; 7º busca antes agradar que brilhar, evita pôr-te em cena, excetua-te dos elogios que distribuis e não mostres que os fazes para que te os paguem; 8º não sejas rigorista nem licenciosa. Não rias muito alto; 9º preocupa-te em não ofender ninguém, usa pouco da zombaria, nunca da maldade; 10º poupa as opiniões alheias, aceita boamente a contradição e, se refutares não disputes (Gazetinha, 1898).

Para a pesquisadora Cláudia Pons Cardoso, em *O importante papel das mulheres sem importância* (1995), uma das formas que o discurso positivista se utilizou para manter a submissão da mulher foi relacionar a obediência com o amor. Obedecia-se porque a mulher era um ser delicado e bondoso, terno e meigo.

(...) a Mulher tem mais pureza que o homem. E tem também mais ternura, que é a máxima expansão do altruísmo. Tem mais apego, mais veneração e mais bondade, isto é, mais amor. Instintos são estes de obediência, porque amar é obedecer, é preferir à vontade própria a vontade alheia (CARDOSO, 1995, p.30).

Um ponto interessante na doutrina positivista que cabe ser ressaltado é que a subordinação feminina não se tornava sinônimo de inferioridade. Tanto homens quanto as mulheres tinham igual importância em seus deveres, no entanto, a diferenciação estava no peso dado a cada uma dessas funções. Em seu livro *A influência feminina do positivismo* (1945), August Comte explica que as diferenças naturais entre os dois sexos eram indispensáveis para o aperfeiçoamento moral do companheiro. O homem ligado às atividades ativas e a mulher às afetivas. “Um é superior em ternura, como o outro para todos os gêneros de força” (p.27).

O teórico ainda acrescenta que a vida dos homens era guiada por instintos pessoais, que ele qualifica como egoístas, enquanto as mulheres eram dotadas de um impulso espontâneo de simpatia e sociabilidade. Para Costa Leal (1996, p.65) “somente mantendo-se em sua posição no lar, sem entregar-se às atividades que a degradam e a nivelam ao homem, [a mulher] poderia desenvolver esses sentimentos”.

Ainda que não fosse querido para a mulher estar fora do lar, Comte acreditava que era necessário que recebesse a instrução universal, pois caso contrário não

teria capacidade de educar os filhos da maneira que era esperado. “A mãe não poderia conservar assaz a superintendência moral da educação humana se sua própria ignorância a expusesse aos desdêns mal dissimulados de um filho amiúde cheio de orgulho teórico” (COMTE, 1983, p.261). Portanto, para prover uma boa educação era necessário antes também educar-se.

Entretanto, o que Comte propunha era uma educação de estudos lógicos, artísticos e não científicos. O filósofo também deixa claro que apenas a mãe deveria se responsabilizar pela educação física, intelectual e moral de seus filhos. August Comte reafirma que somente à mulher era possível tal tarefa, pela capacidade de desenvolver afeições. Logo,

toda a moral espontânea, isto é, a educação dos sentimentos, aquela que, no fundo, mais afeta o conjunto da vida, deve depender essencialmente das mães. É sobretudo a esse título que importa deixar sempre o aluno no seio de sua família, suprimindo os claustros escolásticos (COMTE, 1945,p.32).

Como mãe, a mulher ensinava os valores relacionados à disciplina, honestidade e trabalho durante a infância, sabendo que este era o período em que estaria com seus filhos, pois, uma vez alcançado a puberdade, o pai cuidaria da educação dos filhos homens. Desta maneira, era na infância que a criança receberia a influência do positivismo, através de sua mãe. Mesmo após este alcançar a fase adulta e casamento, a mãe continuava exercendo influência sobre o filho, dividindo com a nora esta responsabilidade.

Essa teoria sociológica da mãe vem naturalmente ligar-se à da esposa, pois que a preponderância materna, apesar do seu decréscimo espontâneo, continua a dirigir ao surto do coração até a idade ordinária do casamento. Então o homem, educado involuntariamente pela mulher, contrai para com ela, para todo o resto de sua carreira, uma subordinação voluntária, que completa a sua educação moral (COMTE, 1945, p.33).

Para Cardoso (1995, p.143), o casamento também permitia “a manutenção do poder político e econômico por determinadas famílias e assegurava o acesso à herança dos herdeiros legítimos”. Uma das formas de evitar filhos indesejados repousava na exigibilidade da virgindade feminina antes do casamento. A honra individual e a honra da família estavam associadas diretamente à sexualidade da filha. Render-se aos desejos carnis antes dos laços do casamento traziam

desgraça para toda a família enquanto solteira e ao marido, quando casada. A honra feminina era um bem precioso a ser cultivado por todos.

Em artigos do jornal *A Federação*, de Porto Alegre da virada do século, lê-se a reafirmação das responsabilidades e da necessidade da mulher como guardiã do lar:

Nunca o mundo tanto necessitou de uma força capaz de proporcionar às famílias a existência calma e feliz que nasce da comunidade de ideias e sentimentos (...). Jamais o mundo tanto precisou de uma força própria a dar às pátrias a sã política baseada na moral (16 de agosto, 1901, p.2)

De acordo com Nelson Boeira (1980), o positivismo não afetou a população diretamente, mas o seu contato deu-se exatamente através de charges, artigos presentes em jornais, como *A Federação*, *Gazetinha* e, principalmente, “através da divulgação dos grandes conceitos da doutrina como humanidade, ordem e progresso” (p.47). Antônio Hohlfeldt, em *Nós, os gaúchos* (1993), “os jornais foram essencialmente órgãos de comunicação de ideias, de pregação e propaganda ideológica, muito mais do que espaços para a divulgação de atividades de puro e simples prazer literário” (p.61). O próprio jornal *A Federação* era uma produção concretizada pelo partido Republicano Rio Grandense. Alguns periódicos femininos, com leitores limitados à classe média e alta, mencionavam direitos para as mulheres, mas estes mesmos periódicos enfatizavam, ainda, a “vocaçãõ natural” das mulheres – de serem mães e esposas.

Uma das grandes e constantes divulgações em jornais era com referência a escravidão. Comte julgava a escravidão colonial como uma anomalia monstruosa e acreditava que sua prática deveria ser abolida. No entanto, os cafeicultores de São Paulo ainda eram cautelosos, pois os escravos eram a sua principal mão de obra, pelo menos até que os imigrantes pudessem tornar-se a grande força de produção.

Existia a ideia de que, ao contrário das demais províncias, a escravidão teria sido amena no Rio Grande do Sul. Nas grandes estâncias, os negros não teriam sofrido tantos maus tratos, havendo mais respeito em relação a outros locais, devido “ao espírito de fraternidade depositado na alma gaúcha que adoçou a escravidão” (DUTRA, 2001, p.45). O francês Saint Hilaire, em *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1974) registra a natureza escravocrata no estado,

não há talvez, no Brasil, lugar algum onde os escravos sejam mais felizes do que nesta capitania. Os senhores trabalham tanto quanto os escravos; conservam-se próximos deles e tratam-nos com menos desprezo. O escravo come carne à vontade; não veste mal; não anda a pé; sua principal ocupação persiste em galopar pelos campos, o que constitui em exercício mais saudável do que fatigante; enfim, ele faz sentir aos animais que cercam uma superioridade consoladora de sua condição baixa, elevando-se aos próprios olhos. (p.47).

De fato, a maior concentração de negros escravos encontrava-se na região setentrional do país, na zona das Gerais, em razão do trabalho na mineração e na economia açucareira. No entanto, o Rio Grande do Sul, também havia a utilização de mão de obra escrava e não se tratava de uma “doce escravidão”, à exemplo disso, temos o conto do “Negrinho do Pastoreio”, que na versão de Simões Lopes Neto (1906), conta das crueldades do estancieiro e de seu filho que torturam o jovem negrinho até a morte. Elza Queiroz da Silva, em *O mito da escravidão cordial sul riograndense* (1999), afirma que

Configurou-se ter havido no Rio Grande do Sul um paraíso racial onde se institucionalizou que brancos e negros viviam em harmonia total, o que distinguia a província das demais. Todavia, cabe esclarecer que a benevolência e a tolerância dos senhores junto aos escravos negros, não foram diferentes do tratamento dispensados aos escravos em outras províncias do Brasil. É interessante observar, por exemplo, que tanto os representantes dos Partidos Liberal e Conservador quanto os dos Republicanos combateram pela causa abolicionista. O que causa estranheza é não ter surgido um “Partido Abolicionista”, pois embora liberais e republicanos pregassem a democracia e a liberdade para “todos”, ao mesmo tempo, conviviam com a existência da escravidão. Subentende-se que, apesar dos discursos pró-abolição da escravatura, a consciência moral não estava totalmente pronta para receber esses “homens de cor” no seio da sociedade branca. (SILVA, 2007, p.7)

No Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos exigia a abolição imediata no programa republicano, uma vez que os integrantes do Partido Republicano Riograndense (PRR) eram ligados a pecuária, ou então comerciantes, industriais e parte integrante do exército. Maria Christina Iop (1996, p.4) afirma que

com a aprovação da Constituição de 14 de julho de 1891, se cria um fato doutrinário, isto é, a institucionalização do Comtismo reformulado por Castilhos para fazer frente às necessidades imediatas e aos projetos de longo prazo do setor da elite representado pelo PRR. Entre as recomendações de Comte, estavam a continuidade administrativa de governar acima dos interesses egoístas de cada classe e, ao mesmo tempo, representar todos os grupos sociais. Todas estas recomendações foram traduzidas em leis e decretos.

Júlio de Castilhos considerava August Comte o “mestre dos mestres”. Devido a esta admiração, o seu governo ficou conhecido como a *Ditadura Científica Positivista*. O caráter autoritário e conservador foram mantidos pelo seu sucessor, Borges de Medeiros. A defesa do imposto, concessão de isenções às incipientes manufaturas, a necessidade do Rio Grande do Sul entrar para a era industrial, incorporação do proletariado à sociedade moderna eram algumas das propostas políticas do Poder Executivo. Para atingir o progresso, “os políticos rio-grandenses buscavam organizar a sociedade através de uma moral rígida baseada na norma positivista de “conservar melhorando”” (ISMÉRIO, 1995, p.10). No tocante a educação, Christina Iop (1996, p.5) ressalta que “nenhuma administração estadual no período dedicou maior atenção à escola primária e ao ensino técnico-profissional do que o Rio Grande castilhista²² e borgista²³”. Com isto, o positivismo atingiu diversas áreas da educação no Estado, podemos citar a Escola de Engenharia e o antigo Instituto Júlio de Castilhos para os rapazes, este último como uma importante referência a este trabalho. Já em destaque à educação feminina, a Escola Normal de Porto Alegre.

O positivismo de Comte influenciou por décadas governantes e intelectuais regionais. Segundo Mary Del Priore (1997, p.298), “a predominância das ideias positivistas significou a repetição, nessa região, dos mesmos discursos homogeneizadores dos papéis femininos”, mas identifica certo avanço em relação a possibilidade de educação das mulheres. “Na altura de 1930, o Rio Grande do Sul possuía a mais equilibrada estrutura social do Brasil, sua economia podia não ser a mais rica, mas tinha a melhor distribuição de renda” (FREITAS, 1993, p.36).

Como vimos na apresentação deste trabalho, o estado sul-rio-grandense quase sempre esteve envolvido em batalhas e disputas e neste tempo, como coloca Guacira Lopes Louro (1986), “as mulheres cuidaram dos filhos e esperavam; mantiveram suas casas, alimentaram os seus e esperavam; assumiram a responsabilidade e esperavam” (p.26). As guerras também atingiram as mulheres, não somente fazendo-as trabalharem braçalmente ou auxiliarem os filhos, mas também acarretou num abandono ou adiamento indeterminado de planos pessoais e estudo. É sabido que, no período colonial e mesmo imperial, os estudos mais

²² É o nome dado à corrente política de Julio de Castilhos e seu governo.

²³ Nome designado ao governo de Borges de Medeiros, após a morte de Julio de Castilhos.

avançados deveriam ser feitos fora do Brasil, na Europa, “onde, segundo o modelo vigente, estava a civilização” (LOURO, 1986, p.27), mas era somente acessível aos homens.

Uma vez que o destino das mulheres era o casamento, havia a questão daquelas mulheres que não contraíam casamento. Marcilio (apud Algranti 1973) que dedicou-se aos estudos sobre a cidade de São Paulo entre os anos de 1750 a 1850, mostrou que “a porção de mulheres solteiras era, sobretudo até os 40 anos, muito mais elevada que os homens solteiros” (p.82). Os conventos e as casas de recolhimento femininas tornaram-se a solução para as preocupações com a honra e a violação da castidade das mulheres solteiras.

O tipo de sistema educacional estabelecido na Colônia excluía o gênero feminino, no entanto, com a entrada na Província de ordens religiosas femininas, surgia a possibilidade de educação formal para as mulheres – principalmente àquelas pertencentes às camadas dominantes. Maria Inês Stamatto (2002) indica a catequese como fonte de instrução, através dos cantos e orações. Até mesmo as portuguesas, em sua maioria, eram analfabetas. “As mulheres que viviam na corte possuíam pouca leitura, destinadas apenas ao livro de rezas” (p.81).

Em termos formais e em nível nacional, a instrução feminina aparece na Constituição de 1824, incentivando as meninas a frequentarem as escolas de primeiras letras e as pedagogias, mas em classes separadas dos rapazes e ministradas por professoras mulheres. Quanto à geometria, considerada desnecessária, bastava que estas soubessem as quatro operações, de soma, subtração, divisão e multiplicação.

Dentro da ideologia dominante da época, repetia-se a mensagem positivista de Comte onde as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas. Destacava-se sempre a função maternal da mulher. Sua educação era necessária porque seria responsável pelos futuros homens da sociedade. “A finalidade da educação da mulher não estava nela mesma, mas fora dela, na sua extensão, que são os seus filhos” (LOURO, 1986, p.28). A grade curricular da Escola Normal, no estado do Piauí, oferecia, juntamente com as disciplinas de Geografia, Metodologia e entre outras, as cadeiras de Costura, Trabalho de Agulha, Bordados, exemplificando a formação direcionada para as mulheres.

Nas primeiras décadas do século XX, atualizaram-se os argumentos para justificar as diferenças na educação e no tratamento social entre homens e mulheres. As explicações deixaram de ser genéticas ou biológicas, passando a ser psicológicas. Essas diferenças se referiam ao temperamento, caráter e tipo de raciocínio, por isso, as mulheres eram naturalmente dóceis, submissas, sensíveis, cordatas e dependentes; e os homens, fortes, agressivos e independentes.

De fato, a participação da mulher na economia do país aumentou, principalmente nas áreas de industrialização, mais especificamente no setor têxtil, mas também nas ferrovias. Começavam a ingressar no setor terciário, nos serviços de datilografia, nas atividades telegráficas, nos correios, enfermagem, secretariado e nas atividades de comércio, que eram consideradas mais adequadas à sua natureza. Já para as moças pertencentes à classe média da sociedade surgia a opção de conciliar o estudo com a profissão, através do magistério. De acordo com de Souza (2000), do ano de 1872 a 1900, a porcentagem de professoras nas escolas primárias dobrou, de um terço para dois terços, uma vez que o magistério era “uma extensão natural do papel das mulheres como cuidadoras” (p.3).

De qualquer modo, por mais que essas atividades representassem a quebra do isolamento em que viviam, os ideais de mulher submissa, obediente, recatada, prendada, eram ensinados às jovens estudantes com afinco. A função maternal era transferida dos filhos para os alunos e continuaria a ser por muitos anos exaltada dentro da sociedade patriarcal do estado sulino.

1.2 A organização do Movimento Tradicionalista Gaúcho

Após as breves considerações sobre o positivismo no estado do Rio Grande do Sul, sua inserção na política e também a maneira que atingiu os estudos tanto de rapazes e moças, este tópico abordará os frutos do Instituto Júlio de Castilhos e a sua relação com a organização do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Em conjuntura com essas questões do Movimento, verificaremos a participação da mulher e sua atuação, uma vez que o Movimento é marcado pela influência positivista.

Ainda “quando gaúcho estava mais para palavrão do que palavra” (FAGUNDES, 1993, p.96), surgiu o Partenon Literário, fundado na capital em 1868, por Apolinário Porto Alegre²⁴. Seria um dos pioneiros no culto as tradições que tinha objetivos literários, filantrópicos e sociais. A influência do Partenon era visível, principalmente pelos mais de 10 anos em que publicou regularmente o periódico intitulado Revista Mensal, desempenhando um papel central para além de Porto Alegre, pois contava com sócios na maioria das cidades do interior.

Quase trinta anos depois, a criação do Grêmio Gaúcho por Cezimbra Jacques²⁵, também na capital riograndense, tornou-se o pioneiro do tradicionalismo. De acordo com Christina Iop (1996), a entidade volta-se para “a valorização da tradição sul-rio-grandense, possuindo um caráter, sobretudo, de exaltação cívico-patriótica, dentro de um espírito positivista” (p.9). As cavalgadas, conferências e palestras eram prestigiadas por muitas autoridades políticas, como Borges de Medeiros, que substituíra Júlio de Castilhos no poder.

Já na década de 40, a capital era uma cidade que crescia rapidamente. Aos muitos estudantes vindos do interior, segundo Maria Eunice Maciel (2001, p.254), “a capital os impactava, atingia-os de certa forma, especialmente no que se refere à modernidade e aos produtos estrangeiros ali encontrados”. A época era de pós Segunda Guerra Mundial, a influência da vitoriosa cultura americana se estendia por todos os países da América com as produções de Hollywood e a música. No entanto, Barbosa Lessa afirma que não era apenas o norte-americano, mas o próprio porto-alegrense que os impactava e reprimia:

A tal influência das outras culturas, influência de outras nações é algo normal; ao longo da humanidade ocorre isso, mas naquele pós-guerra foi muito marcante a chegada, de uma hora para outra, da cultura norte-americana. Nós éramos chamados de geração Coca-Cola, e sentimos com muita evidência que ou a gente se entregava, ou a gente tentava salvar o pelego. Em Porto Alegre, que é a capital e não está no interior, mas no litoral, nós éramos malvistas, éramos uns grossos do interior. Me corrigiam a toda hora, meus colegas do Colégio Estadual Júlio de Castilhos: O que tá gostando mais aqui? ‘Sabe, o que estou gostando mais é ver as gurias passeando na Rua da Praia’, ‘não é passeando seu, é fazendo footing!’. No primeiro ano, na primeira semana de aula no Julinho (apelido carinhoso do Colégio), o professor de Educação Física nos deu aula no Parque Farroupilha, porque não havia ainda o lugar definitivo; em seguida, avisou

²⁴ Apolinário José Gomes Porto Alegre é considerado um dos autores mais importantes do estado do Rio Grande do Sul. Falecido em 1904, aos 59 anos, Apolinário era jornalista, escritor e poeta.

²⁵ João Cezimbra Jacques, santamariense, era militar e positivista. É um dos fundadores do Partido Republicano Rio Grandense e também é considerado o precursor do Movimento Tradicionalista.

que a próxima aula seria no Estádio dos Eucaliptos, o estádio do Inter. E eu perguntei ao professor: “Onde é que fica o Estádio dos Eucaliptos?”. Os colegas me olharam como se eu fosse um extraterreno. Como é que alguém chega em Porto Alegre e não sabe onde é o Estádio do Inter? Então, era uma série de coisas, não era só a favor do (norte)-americano; não se justificava, de acordo com os parâmetros da capital, que alguém cometesse algum pequeno deslize, de qualquer tipo. (2000, p.18)

Um grande fluxo migratório de habitantes das regiões de pecuária extensiva e até mesmo filhos de pequenos proprietários rurais migravam até a capital para estudar ou fazer carreira como profissionais liberais e microempresários, mas ainda assim estranhos à cultura urbana. Sergio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil* (1997), explica sobre os efeitos sociológicos da formação burocrático-administrativa a partir de São Paulo, Rio de Janeiro, São Vicente, Salvador, Florianópolis, Porto Alegre, “a influência da colonização litorânea persiste até nossos dias. Quando hoje se fala em interior, pensa-se como no século XVI, em região escassamente povoada e escassamente atingida pela cultura urbana” (p.67).

Buscando uma imagem em que pudessem se reconhecer novamente, voltaram-se às suas tradições na “cidade grande”. Os alunos do Colégio Júlio de Castilhos, referenciado anteriormente e influenciado pela teoria positivista, criaram o Departamento de Tradições Gaúchas junto ao Grêmio Estudantil. Barbosa Lessa (1985), um dos iniciantes, relembra que “no fundo, preferíamos a segurança que nosso ‘pago’ sabia proporcionar, na solidariedade dos amigos, na alegria de encilhar o cavalo e no singelo convívio das rodas de galpão” (p.56). A busca dos jovens era de recriar o ambiente que tinham na memória, a ideia do galpão como local de prosas, do chimarrão e do fogo de chão.

Michael Pollack (1992) considera a memória como um fenômeno construído, sendo submetida a constantes flutuações e mudanças. Para o autor, na maioria das memórias existem marcos ou pontos invariantes, onde a solidificação é tão forte que não há possibilidade de mudanças. “Cada vez que uma memória está realmente construída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, de organização” (p.206). No Movimento Tradicionalista ocorre um processo semelhante a este que Pollak denominou de “solidificação da memória”, uma vez que as lembranças que os tradicionalistas trazem como “marcas” são os mesmos lugares, os mesmos personagens, os mesmos acontecimentos, onde

Paixão Côrtes²⁶ é sempre lembrado como o idealizador do Movimento, enquanto Barbosa Lessa²⁷ é o produtor intelectual e Glaucus Saraiva²⁸ é o organizador. Uma de suas “solidificadas memórias”, lemos:

Este departamento levou, representado por diversos alunos com trajes característicos do verdadeiro gaúcho, montado em ‘pingo’²⁹, aperados a capricho, até o Panteão Rio-Grandense, os restos mortais do inesquecível David Canabarro. No dia 7 de setembro, antes de ser extinto o fogo da Pátria, os cavaleiros deste departamento transportaram até o velho casarão do Colégio Estadual Julio de Castilhos, uma centelha do fogo que foi inflamar o ‘candieiro’ armado no salão do prédio. O fogo da pátria ficará, desta maneira, presente no Júlio de Castilhos até o dia 20 de setembro vindouro, de onde será transportado também ‘a pata de cavalo’ até o local onde se realizará o grande baile das Tradições Gaúchas, devendo ser extinto às 24h do dia mencionado. O período que vai de 7 a 20 de setembro foi denominado pelos julianos de “Ronda Gaúcha”, dentro do qual serão realizadas conferências sobre os temas regionais folclóricos. Ainda no baile de 20 de setembro serão oferecidos finos prêmios aos tipos mais sugestivos que se apresentarem em trajes característicos do nosso pampa (CÔRTEZ, 1994, p.49-50).

O traslado dos restos mortais do General David Canabarro³⁰ para Porto Alegre, durante a Semana da Pátria foi o primeiro feito destes jovens no regaste da tradição. João Carlos Paixão Côrtes organizou um cortejo de cavaleiros trajados com o vestuário campeiro, em suas bombachas de cano alto e esporas, com o lenço no pescoço e seu pala. A cavalgada acabou se transformando no Desfile Farroupilha, realizado todo o dia 20 de setembro, data em que se comemora o Dia do Gaúcho. Esse cortejo idealizado se tornou o primeiro rito regular, incorporado pelo Estado do Rio Grande do Sul oficialmente no ano de 1964 conhecido como “Semana Farroupilha”³¹, que

sintetiza as duas figuras privilegiadas nos discursos regionalistas: o militar-estancieiro, conquistador do território, defensor das fronteiras e, devido ao episódio farroupilha, esteio da liberdade e da república, e o campesino,

²⁶ João Carlos D’ávila Paixão Côrtes, nascido na cidade fronteira de Santana do Livramento no ano de 1927. Estudou no Colégio Julio de Castilhos, em Porto Alegre, é um dos idealizadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Paixão Côrtes é folclorista e também radialista.

²⁷ Luiz Carlos Barbosa Lessa, natural do município de Piratini, nasceu no ano de 1929 e faleceu em 2002. Em Porto Alegre, aos 19 anos, participou da criação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas e do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

²⁸ Glaucus Saraiva da Fonseca, nascido em 1921 na cidade de São Jerônimo e falecido no ano de 1983. Foi poeta, músico, historiador, também sócio fundador do 35 – Centro de Tradições Gaúchas.

²⁹ Nas regiões interioranas é usado para designar os cavalos.

³⁰ Militar gaúcho falecido em 1867, aos 70 anos. Participante de diversas guerras, entre elas Guerra da Cisplatina e Farrapos.

³¹ Lei n. 4.850, assinada em 11 de dezembro de 1964 pelo deputado Francisco Solano Borges, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, oficializa a “Semana Farroupilha”, a “ser comemorada de 14 a 20 de setembro de cada ano, em homenagem e memória aos heróis farroupilhas”, segundo definição do Art. 1

povoador dos descampados, peão e lavrador, construtor do Rio Grande, fundamento da economia e origem da cultura regional. (FREITAS, 2006, p.145).

Reunindo-se aos sábados à tarde, no dia 24 de abril de 1948, os jovens criaram o 35 – Centro de Tradições Gaúchas, onde trinta e cinco era o número de componentes. Sob o olhar irônico e, como acrescenta José Hildebrando Bacanal (1988, p.85), “condescendente e até sarcástico dos representantes da elite intelectual que se divertia com as fantasias e cavalgadas”, os CTG’s iniciaram restritos à capital e as principais cidades interioranas, seus participantes eram de classe média, mas não havia exclusão dos segmentos sociais inferiores, desde que fossem capazes de custear sua própria indumentária. Segundo Iop (1996), a ideia era criar uma sociedade onde também se estudasse, divulgasse e reproduzisse, de todas as formas, as tradições gaúchas, ou seja, a estrutura social da estância. Além disso, organizaram os estatutos, entre esses, o principal: zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções e costumes.

Atualmente, o número de CTG’s ultrapassa os 1.500 no estado do Rio Grande do Sul, cerca de 600 em outros estados brasileiros, como Bahia, Ceará, Espírito Santo, Mato Grosso e alguns fundados fora do país, podendo citar Estados Unidos, Paraguai e Portugal. O modelo de estância do 35 CTG é padrão em todos os Centros de Tradições, em outras palavras,

A sede principal chamar-se-ia de Casa Grande da Estância³²; o local de reunião, simplesmente o Galpão³³; o Presidente seria o Patrão³⁴; o vice Capataz³⁵; os secretários, Sota-capatazes³⁶; os conselheiros seriam os Vaqueanos³⁷; os departamentos intitular-se-iam Invernadas³⁸ e seus diretores os Posteiros³⁹ e assim por diante (FERREIRA, 1987, p.46)

A partir disso, passaram a definir as questões básicas do que seria aceito como bens e costumes da tradição. Dutra (2002, p.6) explica que o interesse não era reconstruir tudo como era no passado, “mas organizar a produção da memória sobre os gaúchos a partir de um conjunto de símbolos e mitos”. Nem tudo é

³² Estância é um grande estabelecimento rural destinado à criação de gado.

³³ Galpão é uma construção rústica que serve como alojamento para os empregados.

³⁴ Patrão é o proprietário da estância.

³⁵ O capataz supervisiona o trabalho que os peões fazem e também administra a estância.

³⁶ São os capatazes adjuntos.

³⁷ Vaqueanos são homens ágeis, que conhecem a região, servem como guias.

³⁸ Invernada é uma extensão de terra cercada da estância, onde separar-se uma parte do rebanho.

³⁹ O posteiro mora nas terras da estância, cuidando de seus limites e cercados.

retomado, são momentos e situações escolhidas, são elementos culturais, como coloca Maciel (2001, p.244), “tidos como os que poderiam, da melhor maneira, representá-los diante dos demais”. Em relação a essas escolhas e organizações, Barbosa Lessa (1985) afirma que

Quando algum elemento faltasse para nossa ação, nós teríamos de suprir a lacuna de um jeito ou outro. E como é o aperto de mão típico do gaúcho? (...) Isto teve de ser posto em votação, e venceu o “abracinho com confirmação”. Onde a cultura tradicional se mostrava obscura, não havia outra solução senão a de lançarmos mão de uma nascente cultura tradicionalista (p.66)

Aos poucos, o Movimento foi organizando um vocabulário próprio, dando novos sentidos às palavras. Tais feitos remetem ao que Hobsbawan (1997) chamou de “tradições inventadas”, dentro da cultura do tradicionalismo cada elemento, seja do vestuário, da dança, da fala, passa a ser elaborado e reelaborado a fim de representar o passado do homem do campo no presente lhe dando novos significados.

Com o Movimento Tradicionalista Gaúcho entra em cena um novo olhar, através da representação. A representação, segundo Sandra Pesavento (2005, p.40), “não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção a partir dele”. Para existir uma representação, vários processos estão envolvidos, como os da identificação, da classificação, legitimação e da exclusão. Quando nos referimos à exclusão, cabe-se ao fato de que é utilizado somente aquilo que pode construir uma identificação, o demais é descartado, silenciado.

Percebemos tal questão na escolha da figura do gaúcho como herói para simbolizar a cultura do estado. Exalta-se os ideais de valentia, liberdade, defesa da terra, símbolo de resistência regional, mas exclui-se a violência dos primeiros gaúchos antes de passar pelas positavações e ressignificações. No termo “gaúcho”, escondem-se aspectos conflitantes, como afirma Zalla (2010, p.40), “sua história nos mostra um jogo de distanciamentos e também de relevantes aproximações”.

A autora de “*A Tradução da Tradição*” (2006), Joana Bosak de Figueiredo escreve que

o gaúcho há muito deixou de ser pária social e é incluído numa visão “vencedora” da história e ele mesmo torna-se vencedor enquanto sujeito

vivo e atuante, sua trajetória é coroada nos dias atuais pela ressignificação constante, através da manutenção da literatura combinada a uma tradição inventada, porém altamente profícuas (p.19).

Essa ação que Joana Bosak de Figueiredo descreve como sendo altamente profícuas é parte do poder da representação, que é portadora do simbólico. Ela carrega sentidos construídos socialmente ou historicamente que, como explica Sandra Pesavento (2005, p.40), “se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão”.

A historiadora também afirma que “aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social” (PESAVENTO, 2005, p.41). Esta é a principal característica do grupo que o impõe a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas. Todos os discursos acabam voltando-se para responder às necessidades sociais e psicológicas, a exemplo disso, a atuação do próprio Movimento Tradicionalista. Como afirma Pesavento (1993, p.384), este discurso “deve prometer algo, enunciar um horizonte, passado ou futuro, a representação deve ser crível, desejada e aceita”.

Diante da expansão do Tradicionalismo e do surgimento de Centros de Tradições, a falta de um órgão que gerenciasses as ações e atividades foi sentida por parte dos tradicionalistas. Segundo Dutra (2002, p.48), “este organismo era necessário para estudar e ditar normas de interesse geral, trocar experiências e aproximar os CTG’s”. No ano de 1966, no XII Congresso Tradicionalista, foi organizado o Movimento Tradicionalista Gaúcho.

1.3 A Mulher no Movimento Tradicionalista Gaúcho

A mulher não era participante dos planos organizacionais iniciais do MTG. A ideia do 35 CTG era do galpão, do fogo de chão. Numa estância, as moças da casa-grande jamais desciam ao galpão, local destinado aos homens. No entanto, de acordo com Lessa (1985) após alguns encontros no Uruguai, ao verem as danças e peças onde havia a participação de meninas, os rapazes do 35 organizaram, em

junho de 1949, a primeira reunião com ‘moças’, muitas das quais eram suas namoradas, mães, primas e tias.

Foi preciso que acontecesse a excursão a Montevideu para que o exemplo trazido de lá derrubasse, em importante momento, preconceitos que, embora de importância vital na formação e preservação da família gaúcha, em épocas passadas, vinha, de certa forma, prejudicando a terra vinda do 35 CTG e de outros co-irmãos (FERREIRA, 1999, p.89).

A inserção das mulheres nas atividades dos CTG's foi lenta, sendo a Invernada Social a última a ser estruturada, mas rapidamente as mulheres organizaram-se com suas reuniões de mate doce⁴⁰. A presença da mulher no movimento exigiu também a conceituação de um novo termo: como iriam chamar-se as mulheres tradicionalistas? Às mulheres dos gaúchos era dado o nome de “chinas”, mas este termo acabara por adquirir o sentido de prostituta.

A figura da china serve como elemento de oposição à prenda, o que ajuda a reforçar a construção da representação da mulher gaúcha. No livro “*Danças e Andanças da Tradição Gaúcha*” (1975), Paixão Côrtes e Barbosa Lessa fazem um comparativo entre os bailes de sociedade e os bochinchos, um caracterizado pelo zelo moral e o outro pela farra, respectivamente

Nas festas da ralé preferia-se agora, apertar a china nos braços, ao ritmo da polca, ao invés de cortejá-la com maneirosos sapateios. O abraço desencadeou o erotismo e, nas ramadas mal iluminadas por lampiões, peões e prostitutas substituíram definitivamente por reuniões desbragadas em que a dança se misturava à cachaça e, eventualmente, a briga de adagas (p.62-63)

O MTG buscava uma visão moral e a valorização de nobres costumes, a “prenda” surge para idealizar a mulher pura e graciosa. A ela também foi agregado um conjunto de valores, como afirma Cláudia Pereira Dutra (2002), tido como parte da essência feminina: delicadeza, beleza, simpatia e recato.

Ela é o par romântico para o herói dos pampas, a pureza e a delicadeza são elementos tidos como naturais, vistos como inerentes à mulher gaúcha. O gaúcho, descrito como homem forte e valente encontrava na prenda a sua companheira idealizada: uma mulher bonita, doce e graciosa. (DUTRA, 2002, p.56)

⁴⁰ O mate doce era a bebida das mulheres, servidas em cuias de louça, enquanto o mate amargo servido em cuias de porongo era a bebida masculina.

A criação e a construção da figura da prenda é inspirada no modelo feminino vindo do patriarcalismo e reforçado pela teoria comteana disseminada no RS, com diferença nos papéis atribuídos aos gêneros. Para Comte, a mulher era moralmente superior ao homem, era a “guardiã da virtude”, concepção presente nas obras e discursos de Cezimbra Jacques, o Patrono do Tradicionalismo. Segundo ele, a garantia da moral familiar dependia diretamente da mulher e de suas nobres funções de irmã, esposa e mãe. Ela é quem tem o dever de “formar cidadãos e manter-se firme no lar doméstico, para a felicidade de nossa terra, na posição de fiel sublime anjo da guarda do filho e de inspiradora do marido e do irmão” (JACQUES, 1997, p.47).

A descrição de Cezimbra Jacques corrobora para a retomada histórica do feminino na história do Rio Grande do Sul, onde para um povo descrito como hospitaleiro e valente, não faltaria a figura de uma mulher pura e cordial que inspiraria os homens que tão nobremente defendem o pago.

Esse cruzamento de açorianos, paulistas, espanhóis e indígenas, e esse contato dos dois povos – sul riograndense e platino – deram à mulher sul-riograndense a beleza e graça da andaluza, a inteligência da francesa e um coração que encerra os grandes sentimentos da humanidade, a par da doçura e da digna submissão ao homem (JACQUES, p.47)

Mas o termo ‘prenda’, além do conceito dado pelo dicionário de dom, dávida, presente, também designa uma ação, com o verbo ‘prender’. É o que prende o gaúcho. Para Maciel (2001, p.257), “isso é muito significativo no universo representacional do gauchismo, pois tem como arquétipo um homem livre”. A imagem tão conhecida do gaúcho como conquistador do pampa com seu cavalo, sem laços torna-se ainda mais significativo ao ter sua mulher como “prenda” no reforço da imagem de homem livre.

Ao ser associada à graciosidade e pureza, a vestimenta das jovens deveria ser condizente. Assim como o gaúcho é reafirmado em sua vestimenta, a mulher também necessitaria de um traje característico à altura. No *Manual Tradicionalista* (1968), escrito por Glauco Saraiva, essa intenção é declarada: “a função da indumentária feminina é servir de moldura à graça, à beleza e não torná-la grotescas ou ridículas” (p.58). A historiadora Vera Zattera apresenta na obra *Traje Típico*

Gaúcho (1995) a descrição do traje da prenda desde seu surgimento (ver Imagem 1):

- Traje de 1730 – 1820

Estancieira (quarto casal da Imagem 1): sapatos e meias de seda; vestido de seda ou algodão; leque e lenços na mão, joias em excesso; agasalha-se com capote ou um xale; os cabelos são presos com fitas e flores.

Mulher rural (segundo casal, Imagem 1): usa saia rodada de lã leve ou um vestido; os pés são descalços; os cabelos ficam trançados ou presos com um lenço.

- Traje de 1820 – 1865

Estancieira (quinto casal, Imagem 1): vestido de seda ou veludo, com decote mais amplo, o colo fica à mostra; as mangas bufantes até o cotovelo; leque na mão.

Mulher rural (terceiro casal, Imagem 1): veste blusas de mangas e saia longa; casaquinhos até a cintura; cabelos são presos por fitas ou flores; calça botinas.

- Traje de 1865 – 1950

Mulher rural (sexto casal, Imagem 1): Usa saia e blusa ou um vestido; a frente da blusa é enfeitada com babados ou rendas; a silhueta é marcada por cintos e fivelas; usa sombrinha e leque como acessório; calça sapatos ou botinas.

- Traje de 1950 – até nossos dias

Prenda (último casal, Imagem 1): usa o vestido de prenda, saia rodada, com muitos babados; corpo justo e fechado no pescoço; mangas vão até o cotovelo; meias brancas e bombachinhas; os sapatos pretos; o xale serve como agasalho e os cabelos são ornamentados por flor ou ficam soltos.

A preocupação com o vestido, sua ornamentação, extensão e demais acessórios revelam pontos importantes na construção da prenda como modelo de recato. Como destaca Dutra (2002, p.77), “o vestido de prenda é uma peça fundamental desta simbologia que envolve a invenção das tradições”. O vestido serve para enfeitar, mas também tem função nos movimentos das danças, além de ajudar na construção da ideia de mulher romântica e delicada. Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

(2006) em sua pesquisa sobre a pedagogia do gauchismo conclui que os atributos femininos só passaram a ser objetos de estetização à medida que as danças se relevaram como uma possibilidade para a construção de uma tradição gaúcha rica e altamente profícua, uma vez que as danças unem as prendas com o Movimento Tradicionalista.

Apesar de ter um caráter de antiguidade, o vestido de prenda é uma inovação. Assim como diversos conceitos e representações, a vestimenta segue sendo um objeto de constante investimento teórico, “tanto pelos intelectuais e líderes do movimento, quanto pelas próprias mulheres nos Centros de Tradições”. (DUTRA, 2002, p.69).

O vestido de prenda, criado nos primórdios do Movimento Tradicionalista, dentro dos pressupostos da indumentária mais simples do Rio Grande, procurou conservar a padronagem e a sobriedade do vestido padrão da mulher gaúcha, seguindo, também, alguns aspectos da moda vigente. Em todas as épocas e locais a mulher evidenciou a preocupação de estar bem vestida, bela e admirada, buscando os artificios da moda e evocando sempre a funcionalidade, a adequação do uso, originalidade e beleza (Coletânea da Legislação Tradicionalista, 1999, p.218).

Cumprindo suas funções de órgão coordenador, o MTG estabeleceu uma série de regras para as pilchas: o comprimento do vestido, as cores de seus tecidos, a ornamentação, as meias e o sapato, também o penteado, o tamanho do decote, a maquiagem. Em *Indumentária da Prenda Atual* (1999, p.219), o Movimento publicou uma série de diretrizes em relação ao vestido. Segue,



Imagem 1 – Histórico das indumentárias gaúchas.

Fonte: Zattera, Vera. Traje Típico Gaúcho. Porto Alegre: Lusográfica e editora, 1989.

1. O TRAJE: vestido, saia e casaquinho, de uma ou duas peças, com a barra da saia no meio do pé, podendo ser godê, meio godê, em panos, em babados ou evasés, com cortes na cintura, caderão ou corte princesa, atentando para a idade e estrutura física.
2. MANGAS: longas, três quartos ou até o cotovelo; podendo ser lisas ou levemente franzidas (não bufantes), com aplicações de fitas, bordados, babadinhos ou similares, sem exagero, no máximo duas aplicações.
3. DECOTE: geralmente sem decote. Admite-se, no máximo, um leve decote, com ou sem gola, sem expor os ombros e o seio, sem contrastar com o recato da mulher gaúcha.
4. GOLAS; se usadas, podem ser arredondadas, sobrepostas, tipo plaetó, padre, com ou sem detalhes, sem exagero.
5. ENFEITES: podem ser rendas, apliques, bordados, passa-fitas, gregas, fitilhos, fitas, viés, babadinhos lisos ou estampados miúdos, plissês, crochês, botõezinhos forrados, nervuras ou favos. Não sobrecarregar a fim de evitar a desfiguração dos modelos. A decoração com tecidos aplicados ou trabalhados com fitas que formam pontas de lanças e ondas devem ser evitados, optando-se pelos motivos florais, os quais compõem a tradição gaúcha.
6. TECIDOS: podem ser lisos, estampados miúdos, xadrez miúdo, petiotpois, riscado discreto, de acordo com as estações climáticas. Não são permitidos apenas os tecidos transparentes sem forro, slinck e similares, tecidos brilhosos (lamê, lurex e outros para uso à noite em festas não-tradicionais) e tecidos em cores contrastantes, chocantes ou fosforescentes.
7. SAIA DE ARMAÇÃO: deve ser discreta e leve, na cor branda. Se tiver babados, estes devem concentrar-se no rodado da saia, diferentemente da indumentária típica baiana.
8. CORES: de acordo com a sincronia das cores e a relação com, a idade e o momento do uso. Evitar cores contrastantes, chocantes e fosforescentes, assim como o preto (luto); a cor branca fica convencional para uso das noivas e debutantes. Não usar combinações com as cores da bandeira do Rio grande do Sul.
9. BOMBACHINHA: branca de tecido leve ou rendada, deve cobrir os joelhos.
10. MEIAS: devem ser longas, brancas ou beges, para moças e senhoras. As mais maduras podem usar meias de tonalidades escuras.
11. SAPATOS: pretos, brancos ou beges, pode ter salto 5 ou meio salto com tira sobre o peito do pé, que abotoe do lado de fora.
12. CABELOS: devem estar semi-presos, presos ou em tranças, enfeitados com flores discretas que podem ser naturais ou artificiais, sem brilhos ou purpurinas, combinando com o vestido. As senhoras mãos jovens, eventualmente, podem usar travessas simples ou com flores discretas e passadores nos cabelos que poderão estar semipresos em coques ou penteados curtos. Fica facultado o uso de enfeites nos cabelos das senhoras em respeito à idade ou ao gosto pessoal.
13. MAQUIAGENS: discreta e de acordo com a idade e o momento social.
14. ACESSORIOS PERMITIDOS:
 - a) Fichu de seda com franjas ou de crochê, preso com broche ou camafeu.
 - b) Chalé (especialmente para as senhoras)
 - c) Brincos (joia ou semi joia) discretos.
 - d) Um ou dois anéis (joia ou semi joia)

- e) Camafeu ou crochê
 - f) Capa de lã ou seda;
 - g) Leque (senhoras ou senhoritas) em momentos não coreográficos.
 - h) Faixa de prenda ou crachá
 - i) Chapéu (feminino) em ambientes abertos
15. ACESSORIOS NÃO PERMITIDOS:
- a) brincos de plástico ou similares coloridos.
 - b) relógio e pulseiras
 - c) luvas ou meia-luva de renda, crochê ou tecido (ressalva-se no uso do traje histórico urbano)
 - d) colares
 - e) sombras e batons coloridos em excesso, uso de cílios postiços, unhas pintadas em cores não convencionais (verde, azul, amarelo, prata, preto, roxo, etc.)
 - f) sapatilhas do tipo ballet, amarradas na perna
 - g) saia de armação com estruturas rígidas em arme, barbatanas e telas de nylon.

Neste sentido, forja-se uma representação simbólica de mulher: afetiva, frágil, abnegada e vigilante. O crescimento da mulher dentro do próprio Movimento tornou-se visível logo de imediato, expandindo-se para além da parte artística contemplando a intelectual. No I Congresso Tradicionalista, realizado em 1954, na cidade de Santa Maria, duas mulheres realizaram a apresentação de seus artigos. Nestes Congressos, os trabalhos selecionados são divulgados e colocados em prática em todos os demais Centros de Tradições. Em 1954, os temas foram:

- “As Danças Folclóricas e a Educação” de Eloah Loyre Brum – Colégio Julio de Castilhos – Porto Alegre.
- “Objetivos dos Centros de Tradições Gaúchas na Área Educacional” de Thereza Almeida – Centro de Tradição Gaúcha Lalau Miranda – Passo Fundo.

Também cabe destacar, ao longo das demais décadas, trabalhos de grande repercussão, como:

- “Trajes, danças e hospitalidade Gaúcha” de Lilian Argentina Braga Marques, no X Congresso na cidade de Uruguaiana em 1964.
- “A mulher rio-grandense vista através da literatura popular” de Hilda Fogaça Stein, no XIX Congresso, na cidade de Itaqui no ano de 1984.
- “Mudança na sistemática de funcionamento dos Congressos” de Dinara Xavier da Paixão, no XXXV Congresso, na cidade de Ijuí e, 1990.

Com o maior ingresso das mulheres às universidades, suas apresentações nos Congressos passaram a ser desenvolvidas em suas áreas de atuação e pesquisas acadêmicas, o que acarretou em um aumento de saberes e diferentes pontos de vista de um mesmo tema. Para Ordely Gouvea (1994 apud IOP, 1996, p.22), Conselheiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho, “o que justifica a pequena participação da mulher nos primeiros congressos é o fato de poucas terem nível universitário, o que as deixavam inibidas frente aos demais. O que hoje já não é problema”.

Outra atividade que deu destaque às mulheres foi a criação do Concurso de Prendas, primeiramente em cada entidade, seguido das regionais e, por fim, em nível estadual. Anualmente, o Movimento Tradicionalista Gaúcho escolhe as suas três representantes nas categorias de Prenda Mirim⁴¹, Prenda Juvenil⁴² e Prenda Adulta⁴³. Estas jovens são submetidas a provas artísticas, entre elas canto, dança, declamação, além de provas de conhecimentos gerais.

O Concurso Estadual de Prendas é mais difícil que o vestibular. São 30 candidatas disputando o título. Todas se preparam, exercendo atividades paralelas como trabalho, estudo, etc; as comissões, especializadas nos conteúdos programáticos, submetem as candidatas a uma bateria mínima de 12 testes, em busca da melhor. Nota-se o crescente interesse das prendas em aperfeiçoar seus conhecimentos sobre a cultura gaúcha. Elas se esforçam. Produzem e apresentam trabalhos artísticos e culturais para o universo tradicionalista. Conquistam, dessa forma, muito mais do que uma faixa: o seu lugar, a admiração e o reconhecimento (PAIXÃO, 1995, p.55).

As vencedoras participam ao longo de sua gestão das atividades tradicionalistas. Em todas as suas aparições a prenda está pilchada. Na descrição de Ceres Brum, “a roupa tradicionalista dificulta sua mobilidade e lembra (por ser rodada e com mangas bufantes) a indumentária das princesas europeias e sua dignidade no saber se portar a partir da tradição que cultua” (2009, p.159). Para a pesquisadora, o fato de usar o vestido é significativo, pois não importando o clima e a ocasião, a prenda “demonstra o orgulho da roupa e a superação dos próprios limites climáticos e de locomoção” (BRUM, 2009, p.159). Ainda acrescenta a distinção que o uso da faixa de prenda do Estado faz, relacionando com o poder e

⁴¹ Para concorrer na categoria Mirim, ter idade computada em 31 de maio do ano da fase estadual, entre dez anos e doze anos, até fazer treze anos.

⁴² Para concorrer na categoria juvenil, ter idade, computada em 31 de maio do ano da fase estadual, entre treze anos a dezessete anos, até fazer dezoito anos.

⁴³ Para concorrer na categoria adulta, ter idade, computada em 31 de maio do ano da fase estadual, entre dezoito anos e vinte e sete anos, até fazer vinte e oito anos.

reconhecimento “dentro e fora do universo tradicionalista, como conhecedora das tradições gaúchas e das formas corretas de cultuá-las” (p.158).

O Concurso e a preparação para as prendas a fim de submeterem às provas traz ainda consigo outro aspecto: o aumento da participação feminina dentro do Movimento. As jovens passam a atuar mais ativamente nas diretorias, em posições administrativas, nos departamentos e em outros cargos em seus Centros de Tradições, muitas vezes ocupando designações que eram estritamente masculinas.

O próprio Concurso Peão Farroupilha foi criado a fim de elevar o nível cultural dos rapazes frente à desenvoltura das prendas. Para João Francisco Andrade, integrante do Conselho Vaqueano do Movimento Tradicionalista Gaúcho, “a verdade é que a mulher conquista ano-a-ano, dia-a-dia, hora-a-hora seu espaço. Isto é inevitável. Ela não só vai ocupar a parte física (força), mas o resto ela pode suplantando o homem. Ela é inteligente, habilidosa e sabe chegar naquilo que quer” Andrade (1994 apud IOP, 1996, p.24).

Dinara Xavier da Paixão sintetiza a atuação da mulher no tradicionalista ao afirmar que

Na contínua missão de ajudar a escrever a história deste Estado, as mulheres mantiveram-se atuantes e vigilantes. Veio o Movimento Tradicionalista Gaúcho, elas não se omitiram, buscaram espaço para sua participação. Suplantando obstáculos, cresceram com o Movimento que, hoje, as respeita e admira. São as prendas de todos os tempos, de todas as gerações, participativas, atuantes, empenhadas em acertar (PAIXÃO, 1995, p. 90).

Numa sociedade que estava imersa na influência do positivismo comteano, que mostrava claramente a dificuldade e quase total possibilidade da mulher em ocupar uma posição de destaque fora do local que lhe cabia – o lar – principalmente em um ambiente criado e organizado pelo masculino e para o masculino, como o Movimento Tradicionalista Gaúcho, a dedicação, desenvoltura e a participação da mulher como integrante do tradicionalismo é notória, seja nas ações que pratica socialmente quanto na administração interna.

1.4 O Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

O Movimento Tradicionalista Gaúcho, dentro de suas diretrizes, organizou o Estado do Rio Grande do Sul em trinta regiões tradicionalistas, a fim de melhor administrar os concursos e congressos (Imagem 2). Na 13ª Região Tradicionalista – RT – está inserida a cidade de Santa Maria, que atua como sede. Esta Região é composta por 89 entidades filiadas. Os municípios que a compõem são Agudo, Dilermano de Aguiar, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Formigueiro, Itaara, Ivora, Nova Palma, Paraíso do Sul, Restinga Seca, Santa Maria, São João do Polêsine, São Martinho da Serra, São Pedro do Sul, São Sepé, Silveira Martins e Vila Nova do Sul.

O DTG Noel Guarany foi organizado em vinte e dois de novembro de 2005. Sua sede e foro jurídico está junto à Universidade Federal de Santa Maria, sua entidade-mãe. A diferença entre um Departamento de Tradições Gaúchas e um Centro de Tradições Gaúchas consiste na associação do DTG a uma instituição, enquanto o CTG é uma entidade particular. No entanto, os objetivos e as regulamentações por parte do MTG são as mesmas. Os objetivos do Noel Guarany são: pesquisar, preservar e difundir os valores culturais do Rio Grande do Sul, representados por suas tradições, história e folclore; assim como trabalhar na divulgação da cultura gaúcha no meio acadêmico da UFSM e comunidade em geral, além de congregar estudantes, professores, técnicos administrativos e a comunidade. O DTG funciona como entidade diferenciada das demais, devido sua patronagem ser composta somente por estudantes da universidade ou com algum outro tipo de vínculo com a instituição, como técnicos administrativos e professores. O Departamento presta homenagem a Noel Guarany ao nomear sua entidade. O músico gaúcho nascido no interior do estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Bossoroca, era descendente de índios guaranis e aprendeu o idioma durante a adolescência. Como músico, firmou parcerias com compositores argentinos. Faleceu em 1998, em virtude de uma doença degenerativa no cérebro.

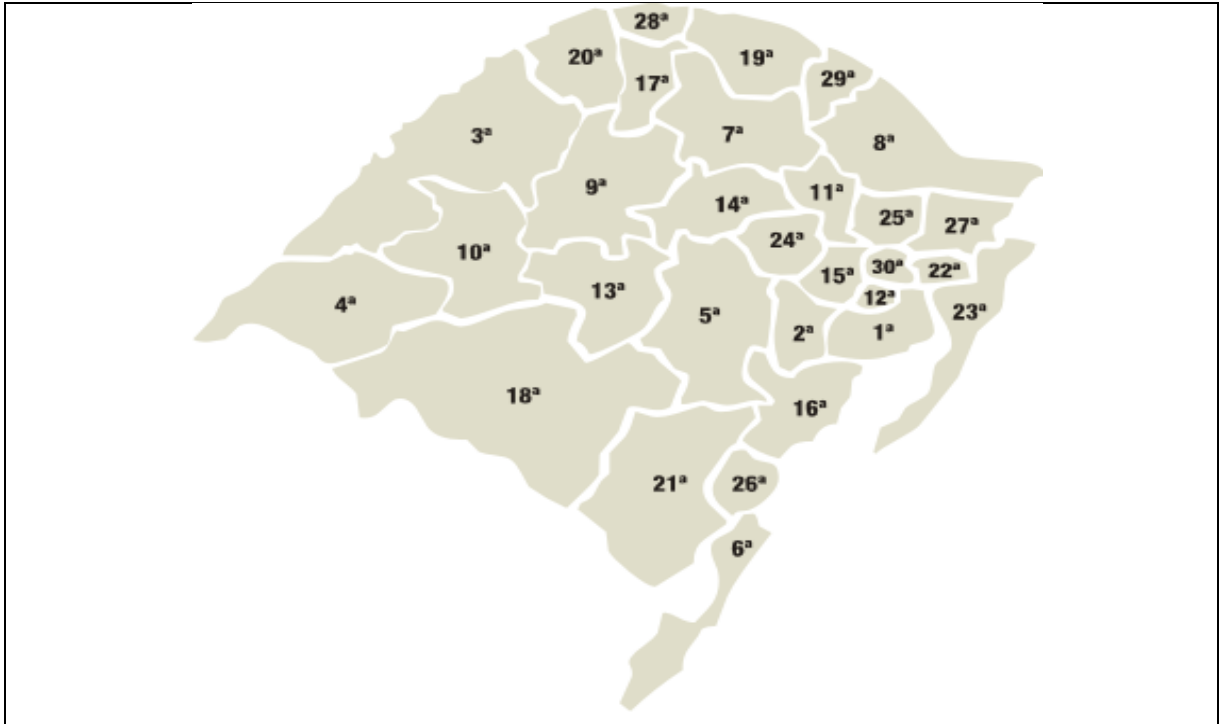


Imagem 2 – O Rio Grande do Sul e as Regiões Tradicionalistas

Fonte: Site Oficial do Movimento Tradicionalista Gaúcho, <http://www.mtg.org.br>. Acesso em: março de 2013.

Ao iniciarmos as atividades com o DTG Noel Guarany, observamos a tendência discutida no subcapítulo anterior do feminino compondo grande parte do corpo administrativo dentro das entidades. No Noel Guarany, a patronagem do biênio 2013- 2014 é encabeçada por Tainá Valenzuela⁴⁴ como patroa; tendo como 2ª capataz geral Anicéli Matos Lautenshleger⁴⁵; 2ª sota-capataz, Caroline Sanmartin⁴⁶; na invernada do patrimônio, Luciane Pagliarini⁴⁷ e Indiara Cáceres Jacques⁴⁸; compondo a invernada artística, Aline Martins Linhares⁴⁹ e na invernada de Relações Públicas, Mariana Xavier de Oliveira⁵⁰.

Outra tendência observada parecia vir de encontro ao que se tinha como orientação do Movimento Tradicionalista, em relação a sobriedade do vestido de

⁴⁴ Acadêmica no Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural -UFSM. Ingressou no DTG Noel Guarany em fevereiro de 2006.

⁴⁵ Acadêmica do curso de Engenharia Florestal – UFSM. Participante do DTG em março de 2010.

⁴⁶ Acadêmica de Pedagogia – UFSM, sócia do Departamento desde março de 2012.

⁴⁷ Acadêmica de Gestão em Turismo – UFSM, participante do DTG desde abril de 2009.

⁴⁸ Acadêmica do curso de Engenharia Florestal – UFSM. Sócia do DTG desde agosto de 2010.

⁴⁹ Acadêmica de História – UFSM. Participante do DTG desde julho de 2011.

⁵⁰ Graduada em Geografia – UFSM. Ingressou no DTG em março de 2009.

prenda. Nos concursos, desfiles e eventos vê-se, atualmente, vestidos alaranjados, amarelos, estampados, entre outros, principalmente quando a prenda é detentora da faixa de sua entidade ou região. O fato de portar a faixa dá a prenda um reconhecimento e visibilidade superior às demais, agregado a isso ainda a confecção de vestidos individuais e diferenciados àqueles usados pelo grupo em suas apresentações coletivas.

No entanto, ao buscar novamente a revisão bibliográfica, há na Coletânea da Legislação Tradicionalista (1999) os dizeres de que a prenda pode seguir “alguns aspectos da moda vigente (...) buscando os artifícios da moda (...) e originalidade”. O que justificaria a diferença de tonalidades e tecidos nos vestidos de prenda ao longo dos últimos dez anos, fazendo com que a indumentária se torne um elemento ainda mais importante nas apresentações e destaques das prendas das entidades.

A questão do vestido, seus tecidos e cores reforça o processo de construção das identidades sociais, onde determinados elementos culturais são escolhidos para representar o grupo. Na representação da prenda temos como símbolos que a constituem o vestido, a flor no cabelo ou a fita, seus gestos delicados na dança que formam um conjunto romântico reforçando o ideário de mulher submissa contido no positivismo. Entretanto, verificamos o fator mercadológico dos ornamentos mais presente nos últimos anos do que os ideais de simplicidade e delicadeza reforçado pelo positivismo.

Para inserirmos a moda como processo de formação de identidades, é necessário aproximá-la da comunicação. Segundo Galdino (2007), “todas as sociedades, desde aqueles que se organizaram da forma mais simples às mais complexas, possuem diferentes formas e canais de comunicação da fala à escrita; do corpo aos gestos; das roupas, adereços e artefatos às imagens” (p.76). A aceitação de um indivíduo e a sua permanência em determinado grupo se dá por meio da comunicação, que também se dá, segundo o autor, pelo uso da indumentária, da moda.

Ao tratar de moda, quase imediatamente é agregado um valor de futilidade, “até mesmo dentro do campo teórico, onde só passou a ser considerada pelas Ciências Sociais a partir da segunda metade do século XX” (p.6). Para Marques (2011), entre as hipóteses estaria o fato da efemeridade, devido a mudança de coleções a cada seis meses e, principalmente, por estar intimamente ligada à

aparência, à composição do vestuário, privilegiando o que seria superficial em detrimento do intelectual.

No caso das Prendas de Faixa – 1ª, 2ª e 3ª Prenda nas categorias Mirim, Juvenil e Adulta – a indumentária aliada a faixa de couro denota um domínio no saber da história, geografia e tradições sul riograndenses, assim como de trabalhos manuais. Esta prenda é reconhecida tanto dentro quanto fora do universo tradicionalista ao estar pilchada como expressão da beleza e como modelo a ser seguido por seus conhecimentos e aptidões. Nas Imagens 3 e 4, as “prendas de faixa” do DTG Noel Guarany, Tainá Valenzuela, gestão 2008/2009 e Mariana Oliveira, gestão 2010/2011 exemplificam esta questão. Além de obterem a faixa de sua entidade, também foram prendas da 13ª Região Tradicionalista, na gestão 2009/2010 como 1ª Prenda Adulta e 2010/2011 (Imagem 3) como 3ª Prenda Adulta (Imagem 4), respectivamente.



Imagem 3 – Galeria de Prendas e Peões do DTG Noel Guarany.

Fonte: Acervo do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany.



Imagem 4 - Galeria de Prêndas e Peões do DTG Noel Guarany

Fonte: Acervo do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Ao observar esses elementos que constituem a prenda tradicionalista, bem como as prendas do DTG Noel Guarany, organizou-se a exposição fotográfica desta prenda atual. Os elementos necessários para a execução da exposição fotográfica são discutidos no Capítulo 2, a seguir.

CAPÍTULO 2 - A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA: OS OLHARES SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL REGIONAL TRADICIONALISTA

Assim como os conceitos de fronteira, identidade, tradicionalismo, entre outros foram necessários para guiar o percurso teórico metodológico do primeiro capítulo deste trabalho, é fundamental neste momento discutirmos os elementos indispensáveis para a organização da exposição pretendida como produto desta dissertação.

Não obstante, considerações sobre patrimônio ainda se fazem imprescindíveis. Nesse sentido, observa-se que patrimônio é um conceito em constantes alterações ao longo da história. Na noção de Margarida Barreto, em *Turismo e Legado Cultural* (2001), identifica-se por patrimônio o “conjunto de bens que uma pessoa ou entidade possuem” (p.09). Quando abrangemos territórios, passa a designar o “conjunto de bens que estão dentro de seus limites de competência administrativa” (p.09). No que se refere ao patrimônio cultural – objeto desta pesquisa – o conceito tem se modificado.

Patrimônio Cultural, no início do século XX, eram as grandes obras, classificadas como bens materiais. No entanto, o conceito deixou de se restringir somente a esta categoria. Logicamente este patrimônio de monumentos serve como elo entre o passado e o presente de uma determinada nação, conforme afirma Gonçalves (1988 *apud* BARRETO, 2001, p.10).

Assim como a identidade de um indivíduo ou de uma família pode ser definida pela posse de objetos que foram herdados e que permanecem na família por várias gerações, também a identidade de uma nação pode ser definida pelos seus monumentos – aquele conjunto de bens culturais associados ao passado nacional. Esses bens constituem um tipo especial de propriedade: a eles se atribui a capacidade de evocar o passado, presente e futuro. Em outras palavras, eles garantem a continuidade da nação no tempo.

Seguindo o raciocínio proposto por Gonçalves (1988), a arquitetura, as esculturas, assim como a pintura, se configuram como patrimônios culturais materiais. Apesar disso, existem outros conjuntos que antes não eram reconhecidos,

o universo dos patrimônios históricos e artísticos nacionais se caracteriza pela heterogeneidade dos bens que o integram, maior ou menor conforme a concepção de patrimônio e de cultura que se adote: igrejas, palácios, fortes, chafarizes, pontes, esculturas, vestígios arqueológicos, paisagens, produções do chamado artesanato, coleções etnográficas, equipamentos industriais, para não falar do que denomina-se patrimônio não-físico ou imaterial – lendas, cantos, festas populares, e mais recentemente, fazeres e saberes dos mais diversos. (FONSECA, 2005, p.41).

Na Constituição de 1988, o artigo 216, sinaliza uma “nova categoria” patrimonial no conceito de Patrimônio Histórico e Cultural. A menção de “patrimônio imaterial” passa a vigorar.

Art.216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (Constituição da República Federativa do Brasil. IN: Coletânea de Leis sobre Preservação do Patrimônio. IPHAN, 2006,p.20).

Da mesma maneira, o estado do Rio Grande do Sul contempla em sua Constituição Estadual nos artigos 221, 222 e 223 a temática patrimonial, sendo estes dois últimos relacionados ao tombamento e também a sua preservação e sanções no código penal.

Artigo 221º - constituem direitos culturais: V – o acesso ao patrimônio cultural do Estado, entendendo-se como tal o patrimônio natural e os bens de natureza material e imaterial portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade rio-grandense, incluindo-se entre esses bens: as formas de expressão; os modos de fazer, criar e viver; as criações artísticas; as obras, objetos, monumentos naturais e paisagens, documentos, edificações e demais espaços públicos e privados destinados às manifestações políticas artísticas e culturais; e os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, científico e ecológico. (Constituição do Estado do Rio Grande do Sul *apud* Oliveira, 2007, p.81).

Todavia, é errôneo caracterizar o patrimônio imaterial como sendo a representação de culturas que não possuem grandes obras monumentais, sendo materialmente pobres. Ensina ainda Fonseca (2003) que:

A questão do patrimônio imaterial tem presença relativamente recente nas políticas de patrimônio cultural. Em verdade, é motivada pelo interesse em ampliar a noção de 'patrimônio histórico e artístico', entendida como repertório de bens ao qual se atribui excepcional valor cultural, o que faz esses bens serem merecedores de proteção por parte do poder público.

Contudo, é importante não conceber a questão do patrimônio como algo dividido em “material” e “imaterial” e suas categorias, mas sim compreender o patrimônio como um conjunto de

bens tangíveis como também os intangíveis, não só as manifestações artísticas, mas todo o fazer humano, e não é só aquilo que representa a cultura das classes mais abastadas, mas também o que representa a cultura dos menos favorecidos (BARRETO, 2001, p.11).

Patrimônio são os utensílios, os costumes, o conjunto de crenças, o cotidiano, tanto quanto são os prédios e construções que abrigaram reis e realezas. Patrimônio são “todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade” (BARRETO, 2001, p.11). Este entendimento está ligado a representação e afirmação das identidades através da História Cultural, a partir no final do século XX. A História Cultural propõe que, por meio das representações, é possível interpretar a realidade do passado buscando “chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2005, p.42).

Ao tratarmos do patrimônio, primeiramente trabalhamos com o sentido da visão. Em nossa relação interpessoal, o primeiro contato dá-se pelo olhar. Dentre os cinco sentidos, é o olhar que, na maioria das vezes, dá o ponto de partida para os outros sentidos buscarem conhecimento. Segundo Chauí (1988, p.37), “dos cinco sentidos, somente a audição (referida à linguagem) rivaliza com a visão no léxico do conhecimento. Os demais, ou estão ausentes ou operam como metáfora da visão”.

Marlena Chauí ainda recorre a Santo Agostinho (1973 apud CHAUI, 1988, p.39) para seguir a explicação,

É aos olhos que propriamente pertence o ver. Empregamos, contudo, esse termo mesmo em relação aos outros sentidos, quando os usamos para obter qualquer conhecimento. Assim, não dizemos, “ouve como brilha”, “cheira como resplandece”, “saboreia como reluz”, “apalpa como cintila”.

Mas já podemos dizer que todas essas coisas se veem. É por isso que se chama concupiscência dos olhos à total experiência que nos vem pelos sentidos. Apesar de o ofício da vista pertence primariamente aos olhos, contudo os restantes sentidos usurpam-no por analogia, quando procuram um conhecimento qualquer.

Mas Alfredo Bosi (1988) apresenta outro sentido em relação ao olhar que é de proveito para esta questão:

O olhar não é apenas dirigir os olhos para perceber o “real” fora de nós. É, tantas vezes, sinônimo de cuidar, zelar, guardar, ações que trazem o outro para a esfera dos cuidados do sujeito: olhar por uma criança, olhar por um trabalho, olhar por um projeto. E, não por acaso, o italiano *guardare* e o francês *regarder* se traduzem precisamente por ‘olhar’ (p.78).

No vocabulário cotidiano também empregamos uma série de expressões onde não nos apercebemos da utilização do ‘olhar’: “veja bem”, “mau olhado”, olhar maternal, olhar desconfiado, dentre outros. “Assim, encarrega-se o olhar de garantir uma multiplicidade de sentidos que em muito ultrapassam aquele que fisiologicamente o órgão alcança” (Bosi, 1988; Chauí, 1988, p.220).

Expor também é olhar, cuidar, zelar, mostrar e comunicar. Ao ponderarmos estes conceitos, organizamos uma exposição fotográfica, caracterizada como uma tomada de posição diante do passado partindo do presente e da experiência de quem está organizando. Há uma conversão do objeto em documento através de uma comunicação. É na exposição que os objetos remetem a uma história, a uma memória que nem sempre foi vivida, mas que de, alguma forma, comunica com o visitante. “O significado não está nos objetos, mas no sentido que atribuímos a eles, como signos da história e da sociedade” (HORTA, 2000, p.153).

A exposição é um discurso, a articulação de enunciados, na qual é essencial uma seleção, porquanto se utiliza de objetos como suporte. Guardam-se alguns elementos, rejeitam-se outros, atribuindo a eles valores. Como afirma Fenalti (2011, p.65) “a exposição é, então, a forma de atribuir valor ao patrimônio, mostrando-o, divulgando-o, comunicando-o” e já segue complementando Oliveira (2008, p.114), “assim, ao se referir sobre patrimônio, está-se lidando com história, memória e identidade, conceitos inter-relacionados cujos conteúdos são definidos e modificados ao longo do tempo”.

Ao pesquisar diferentes sujeitos, com diferentes informações, carreiras, olhares e expectativas diversas, percebeu-se que para o educador, as exposições seriam sua ferramenta de trabalho; para o artista, seria sua performance; para a jornalista, informação; para o estudante, um jeito divertido de entender o passado; para a adolescente, um lugar mágico. A exposição transpõe a ideia de agrupamento de objetos diversos ou de diversos objetos. Segundo D’Alambert (1987), a exposição é “um meio de comunicação que permite ao público aprender e vivenciar experiências tanto ao nível intelectual quanto emocional” (p.8).

Ao pensarmos na questão da comunicação que se estabelece, faz-se necessário lembrar de que há dois sujeitos envolvidos: o emissor e o receptor. Já houve um período em que predominou-se a visão de que o emissor detinha grande parte ou todo o poder desse processo comunicacional, sendo designado ao receptor o papel de observador. Mas hoje entende-se a comunicação existente entre estes dois sujeitos como interação. Nas palavras de Marília Xavier Cury (2006, p.69),

o modelo linear emissor-receptor é rompido e substituído por uma proposição dialógica que permita a negociação do significado da mensagem. O sentido do processo educacional desloca-se da mensagem para a interação, espaço de estruturação do significado da mensagem.

Em contato com a exposição do acervo, com o material produzido e organizado, o público (receptor) redefine o discurso apresentado, interpretando-o e resignificando a partir de suas vivências e de seu cotidiano, fazendo então circular um novo discurso. É dessa maneira que para Cury (2006, p.69) “o emissor e o receptor estão liberados da posição limitada de recodificador e decodificador e passam a atuar na construção e negociação do significado da mensagem”. Roger Chartier (1998) explica que todo receptor, na verdade, é um produtor de sentido e que toda leitura feita é um ato de apropriação, sendo que, muitas vezes, as significações produzidas resultem em leituras distantes da intenção do autor.

O pesquisador Martín-Barbero (1995 apud CURY, 2006, p.79) ao falar sobre a produção destes diferentes sentidos, afirma que

há todo um conhecimento e um saber do receptor sem o qual a produção não teria êxito. Portanto, temos que assumir toda essa densidade, essa complexidade da produção, porque boa parte da recepção está de alguma forma não programada, mas condicionada, organizada, tocada, orientada pela produção, tanto em termos econômicos como em termos estéticos,

narrativos, semióticos. Não há uma mão invisível que coordena a produção com a recepção. Há cada vez mais investigação, mais saberes.

A fim de proporcionar a interação e trocas entre o emissor e o receptor, a principal e também primeira definição a ser dada na organização de uma exposição é a escolha da sua temática. D’Alambert e Monteiro (1990, p.14) depositam o sucesso da exposição nesta questão, ao dizerem que “as demandas e os interesses da coletividade deverão ser analisados e avaliados antecipadamente para que o tema possa ser escolhido e apresentado de forma a despertar o interesse do público”, uma vez que as exposições possuem a função social de comunicar aos cidadãos seus bens e sua memória, refletindo sobre a própria trajetória regional ou nacional.

Contudo, existem exposições de temas circunstanciais, em virtude às comemorações de datas, homenagens a personalidades, assim como de temas em forte destaque. Tomamos como exemplo a Independência do Brasil, Dia Internacional da Mulher, também podemos citar as questões ecológicas como o desmatamento, os ribeirinhos e a reciclagem que tanto tem recebido enfoque. Em casos assim, o desafio está na fuga de exposições repetitivas, buscando novos enfoques. D’Alambert e Monteiro (1990, p.11) ao comentar sobre as exposições circunstanciais afirmam que “uma exposição poderá tornar-se atrativa pela sutileza com que o tema for elaborado”. É a temática que atrairá o público ao local da exposição, mas, no entanto, é o planejamento e as demais técnicas aplicadas que garantirão a permanência deste.

Há diversos recursos que podem ser analisados e utilizados para compor uma exposição conforme o objetivo de cada:

Os recursos denominados expográficos são variados. Textos, legendas, ilustrações, fotografias, cenários, mobiliário, sons, texturas, cheiros, temperatura compõem um conjunto de elementos enriquecedor da experiência do público (...) A articulação dos objetos (e dos outros elementos expográficos) – formando uma lógica textual – estrutura a narrativa da exposição, a retórica do discurso e a argumentação pela persuasão (CURY, 2005, p.46).

As exposições consistem muito mais do que simplesmente ordenar objetos em cavaletes, quadros e molduras com textos e legendas. Muitos são os fatores que influenciam na comunicação da exposição com o visitante, além daqueles citados por

Cury (2005), ainda pode-se acrescentar a importância da adequação da linguagem , a maneira como que objetos de diferentes épocas e culturas serão apresentados ao público. Pacheco Fernandes (2001) no *Manual Planejamento de Exposições*, observa que “objetos usados em diferentes montagens podem contar histórias diferentes e fornecer novas perspectivas ou visões” (p.10).

É importante agregar, tanto quanto possível, vários níveis de conhecimento especializado, a fim de gerar as mais diversas leituras em relação à organização da exposição, para auxiliar nas principais necessidades, nas carências encontradas e maximizar os pontos de maior destaque. “Especialistas na salvaguarda do acervo, na curadoria, no design de exposições, na educação, no marketing e na segurança darão uma contribuição valiosa para a estrutura e o plano de ação” (PACHECO FERNANDES, 2001, p.20). Porém, quando não houver tamanha diversidade disponível desses profissionais, o esforço a fim de obter aconselhamentos é necessário, de modo a encontrar equilíbrio para as questões conflitantes dentro da execução do projeto de planejamento da exposição.

Outra questão primordial é a classificação da exposição quanto ao seu tempo, local, acervo ou público. Estas, assim como a temática, devem ser decididas focando no público-alvo:

É importante ter em mente o público-alvo ao tomar decisões práticas sobre as exposições, inclusive os objetos a serem usados, o roteiro, o estilo e o tamanho do texto, os métodos de interpretação, o “design” e a distribuição das peças no espaço físico (MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION, 2001, p.24).

O cuidado com a distribuição das peças não está somente ligado à exposição em si, mas focado no próprio visitante. É importante garantir o seu conforto e livre acesso, principalmente entre aqueles que são possuidores de alguma deficiência motora ou com idade mais avançada em relação a jovens e adultos. Medidas corretivas podem ser necessárias para maximizar o acesso à exposição.

No que concerne ao tempo de duração, há duas possibilidades: *temporária* ou *permanente*. As temporárias, ou de curta duração, ficam expostas em torno de 180 dias e as permanentes estende-se por maior tempo. Dentro da sua disposição espacial, uma exposição pode ser *linear*, aquela que inicia em um ponto e finalizar-

se-á em outro extremo; ou então será *episódica*, onde o próprio público direcionará as suas escolhas. Entretanto, “a maneira como o visitante circula – caminha – no espaço expositivo é pré-definida (mas não impositiva) – mesmo quando o circuito é de livre escolha” (CURY, 2005, p.47).

A percepção da disposição espacial é uma peça-chave para atrair o visitante. Pacheco Fernandes (2001) destaca que um planejamento onde não é permitido ao público o prazer da descoberta e admiração, assim como a presença de especialistas que conduzem as explicações e intervenções sentindo a necessidade de exibir seus conhecimentos, tornando a linguagem técnica e confusa, são os principais pontos para caracterizar uma exposição como “cansativa”. “As exposições, se forem feitas com atenção e imaginação, podem inspirar, surpreender e educar” (PACHECO FERNANDES, 2001, p.17).

Ainda em relação a questão espacial é imprescindível a verificação da iluminação, seja ela natural ou artificial. A maneira como a luz incide em certos materiais como acrílico e vidro podem dificultar a visualização do material exposto. Também existe a possibilidade de deterioração do material devido a fotossensibilidade.

A segurança dos objetos deve ser avaliada desde o princípio, sendo necessário atentar para exigências específicas dos proprietários de peças que, eventualmente, venham a ser emprestadas ou alugadas, principalmente quando trata-se de exposições permanentes ou então inseridas em eventos de maior porte. As datas de abertura da exposição, assim como o horário de funcionamento do estabelecimento escolhidos também afetam as decisões sobre o planejamento.

Diante do processo de organização de uma exposição e a sua interação emissor-receptor, segue a caracterização de outro fator de importância a este trabalho, a fotografia.

2.1 Fotografia: a arte de olhar.

O olho humano e a câmara fotográfica muito têm em comum, sendo possível estabelecer um paralelo entre ambos. A pálpebra do olho é correspondente ao obturador⁵¹ da câmara; o cristalino é a lente do olho, responsável pelo foco das imagens; a íris desempenha a função do diafragma da câmara, controlando a quantidade de luz essencial para produzir uma imagem definida; a retina pode ser comparada com o filme fotográfico, uma vez que contém substâncias químicas que são modificadas pela incidência de luz.

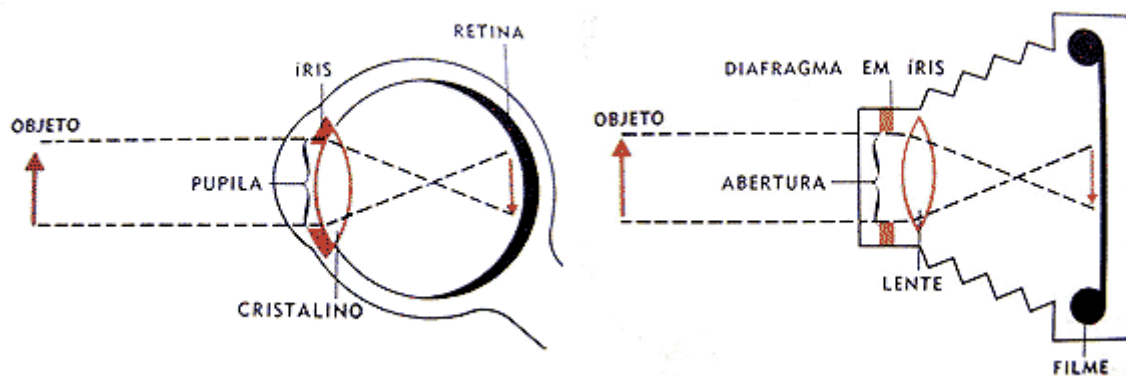


Imagem 5 - Comparação entre o olho humano e a câmara fotográfica

Fonte: Blogger Fotos e Lentes, disponível em: <http://fotoselentes.blogspot.com.br>. Acesso em: março de 2013.

No entanto, há uma diferença crucial entre o olhar humano e o 'olhar' fotográfico. Todas as informações captadas pelos olhos são processadas pelo cérebro, que influenciado pelo odor do ambiente, pelos sons, entre outros, desencadeia uma série de reações químicas que afetam a postura e a decisão do fotógrafo. As imagens são produzidas pelos fotógrafos e não pela máquina, que apenas funciona como um suporte para tal fim. Michael Busselle (1979), em *Tudo sobre Fotografia*, faz a analogia entre o fotógrafo e o pintor, ao afirmar que "para o

⁵¹ Obturador é o dispositivo da câmara que abre e fecha controlando o tempo de exposição da luz.

fotógrafo, o visor de uma câmera representa o mesmo que uma tela vazia para um pintor” (p.10), é ele quem irá compor o resultado.

Desde a sua invenção, a fotografia tem registrado amplamente a experiência humana. Ela contém um pacote de informações sobre lugares, sobre as pessoas e sobre acontecimentos. É a memória do homem, seus feitos e realizações que tem se mantido como registro. Segundo Boris Kossoy, em *Tempos da Fotografia* (2007), é

a memória coletiva preservada através da documentação fotográfica de seus monumentos, arquitetura, de suas vistas e paisagens urbanas, rurais e naturais, de suas realizações materiais, de sua gente, de seus conflitos e de suas misérias (KOSSOY, p.132)

A fotografia é memória enquanto registro da aparência, dos cenários, personagens, objetos, fatos, enquanto documenta vivos ou mortos. É sempre memória de determinado tema ou acontecimento, num dado instante de sua existência. Para Kossoy (2007), “é um assunto ilusoriamente retirado de seu contexto espacial e temporal, codificado em forma de imagem”. (p.131)

O que o ato de fotografar faz é recortar. Dar um recorte no tempo e espaço. A própria imagem fotográfica é um espaço, uma superfície onde está inserida a representação de um outro espaço, aquele que temos como a realidade. Para Ronaldo Entler, em *A Fotografia e as Representações do Tempo* (2007, p.01), é “a relação entre esses espaços – a passagem de um ao outro – que nos esforçamos para compreender”. O recorte do tempo dá-se sempre no passado. Barthes (1984, p.115) sugere que tudo o que uma fotografia é capaz de dizer é “Isso é Isso”, mas corrige o tempo verbal e recola “Isso foi”.

A fotografia não é como as coisas vivas, ela não se movimenta ou se transforma, a fotografia fixa o instante. No entanto, ao trazer essa questão Entler (2007) não procura assumir um tom pejorativo dizendo então que a fotografia é um objeto morto, pelo contrário, ela “confere força e vitalidade, fazendo com que componha e participe de rituais bastante intensos no presente” (p.02). O tempo da fotografia é o pretérito, porque momento do clique já pertence ao passado. Contudo, há algo que não se pode negar em relação a fotografia, que o referente real tenha estado lá. O referente é o que necessariamente real foi colocado diante da lente

objetiva, sem esse referente, não existiria a imagem. “Jamais posso negar que a coisa esteve lá” (ZANELA, 2011, p.115).

Apesar da fotografia ser, como considera Sonia Monego (2005), memória cristalizada, o que ‘estava lá’ no momento do clique é diferente do que se tem na fotografia. A realidade não é a mesma. O que a imagem representa, para quem tem pouca relação com o contexto histórico, resume-se apenas na aparência congelada. Para Martins (2002) existem decodificadores que ‘descongelam’ os aspectos que revelam a dimensão sociológica e antropológica do que foi fotografado. “Se a fotografia aparentemente “congela” um momento, sociologicamente, de fato, ela “descongela” esse momento ao remetê-lo para a dimensão da história, da cultura e das relações sociais” (p.223)

A análise da desconstrução da fotografia permite reconhecer e proteger as identidades, os objetos e os locais que se revelam. A fotografia é avaliada por diversos filtros: o filtro histórico, o filtro cultural, o filtro social, em suma, o filtro ideológico. É sempre utilizando um desses filtros que as fotografias são ‘lidas’ e ‘interpretadas’, mas entre tantas ‘leituras’, nenhuma pode negar a afirmação de Zanella, de que o referente esteve lá.

No entanto, há algo que muitas vezes acaba sendo colocado para segundo plano na questão da fotografia que é o fator da escolha, do desejo, da imaginação e da representação daquele que está fotografando, de quem opera a câmera. Como nas palavras de Luis Humberto (2000), o instante da fotografia se dá no momento em que há o encaixe entre o que está sendo fotografado e alguma ideia preexistente do fotógrafo, que executa o clique ou o disparo de acordo com a sua percepção.

Há um imaginário constituído que considera a fotografia como a fiel cópia da realidade. Tal afirmação é comprovada em descrições de verbetes em dicionários. A exemplo disso, podemos citar Houaiss (2004, p.1381), define fotografia, como: “reprodução fiel de algo ou alguma coisa” e também o dicionário on line⁵² Aurélio caracteriza como “cópia fiel, reprodução exata” .

Verossimilhança não é sinônimo de verdade ou de exatidão, ainda que tenha ligação com o real. Arlindo Machado, em seu livro *A Ilusão Especular* (1984),

⁵² Site oficial: www.dicionariodoaurelio.com, acesso em março de 2013.

desconstrói a ideia de objetividade da fotografia, afirmando que “nada é mais subjetivo do que as objetivas fotográficas, porque seu papel é personificar o olho do sujeito da representação”.

A percepção humana faz a seleção, ignora, aceita, privilegia o que será fotografado. “É de seu próprio ponto de vista, com seu olhar que visa e que fixa, que ele [o fotógrafo] imprime às coisas a sua ordem” (MACHADO, p.72). Kossoy (2007) também desmitifica a ideia de que a fotografia é a cópia da realidade em seu livro “*O Efêmero e o Perpétuo*”. O autor vê a fotografia como uma criação, uma vez que é o fotógrafo que acentua e omite conteúdos.

Machado seleciona alguns conceitos que exprimem as diversas opções que podem ser feitas pelo operador da câmera, desconstruindo a noção de objetividade em torno da fotografia. Entre eles, podemos citar o *recorte do quadro* - um dos diversos processos de escolha que o fotógrafo faz, “esses recortes não são nunca inocentes, nem gratuitos” (p.76), toda fotografia possui um retângulo que a corta, posicionando dentro deste limitado campo o que se deseja capturar;

O *ângulo* - é a posição ocupada pelo fotógrafo em relação ao objeto que será fotografado. A escolha da posição do fotógrafo é essencial para a composição da fotografia; e a *profundidade de campo* - é onde o foco será trabalhado. O fotógrafo vai dar destaque – foco- para certo objeto ou parte desse objeto, deixando o resto em desfoque.

O recorte, o ângulo, a profundidade de campo, entre outros elementos compõem a fotografia (Imagem 6). Diferentes posições de um objeto modificam a nossa percepção do que está sendo fotografado, uma vez que, por si só, a fotografia já é polissêmica, uma face que pode ser lida de diversas maneiras.

Não obstante, há mais de 30 anos, em 1980, Barthes já afirmava como espectador (receptor) que não eram todas as fotografias que lhe despertavam interesse, nem mesmo as de um jornal. “Vejo, sinto, portanto noto, olho e penso” (Barthes, 1980, p.39) e ainda complementa, “tal foto me advém, tal outra não” (p.36). Atualmente somos bombardeados por uma grande quantidade de imagens diárias que podem ser analisadas através de dois elementos de interesses propostos pelo autor: *Studium* e *Punctum*.



Imagem 6 - Recortes de Quadros de um mesmo objeto.

Fonte: Fórum de Discussão sobre Fotografia Mundo Fotográfico, disponível em: <http://forum.mundofotografico.com.br>. Acesso em: março de 2013.

Ainda que possa, inicialmente, remeter a estudo, o *Studim* nada tem na sua origem ligação com isto, mas sim com gosto, uma espécie de interesse geral. É através do *studium* que fotografias como os combatentes de guerra, ruas em ruínas, fotos políticas, revoltas, manifestações despertam interesse, “pois é culturalmente que participo das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações” (BARTHES, 1980, p.46).

Já o *punctum* não está relacionado com as intenções de quem faz a fotografia. Ele depende do espectador (receptor) se sentir “ferido”, com um pequeno corte, por algo que há na fotografia. “O *punctum* de uma foto é esse acaso que nela me punge, mas também me mortifica, me fere” (BARTHES, 1980, p.46).

Muitas vezes, nos deparamos com certa fotografia e ela nos ‘prende’ a atenção, fica na memória. Seja por um detalhe, pela beleza de sua composição, pelas cores. Não necessariamente o que nos prende é positivo e belo; a violência também desperta sensações, assim como o bruto, o grosso. Fotografias da natureza, de animais, de lugares também ‘ferem’. Nem sempre a fotografia que desperta o *punctum* é aquela que respeita os melhores enquadramentos e regras de composição, pode ser a de um instante casual, onde

O instante dos gestos e movimentos não se explicam, não são exemplares, tampouco são belos ou bem-acabados, mas esse instante banal simplesmente nos lembra de quantos outros instantes é feito um movimento, todos eles recalcados num inconsciente ótico que a fotografia vem então revelar. (BENJAMIN, 1994 apud ENTLER, p.38).

Sendo assim, a arte de fotografar, ainda que respeite determinadas regras e composições, muito dependem do olhar de cada indivíduo, de sua experiência de vida, sua opinião social, política e cultural. Entretanto, assim como Barthes (1980) coloca, ter a experiência com o *punctum*, com algum elemento que se destaque na fotografia observada para si, como indivíduo, é capaz de proporcionar uma troca ainda mais significativa entre emissor e receptor.

Uma questão importante que também merece destaque em relação as trocas que se fazem presentes, são aquelas permeadas pelo respeito e também pelos direitos de quem está sendo fotografado e de quem fotografa. No Brasil, os direitos autorais são regulamentados pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, sendo a fotografia considerada obra intelectual. Esta lei dispõe que o autor (o fotógrafo) pode ter seu nome, pseudônimo indicado na utilização da foto, reivindicar, a qualquer tempo, a autoria da foto, opor-se a qualquer modificação na sua foto, assim como modifica-la antes ou depois de sua utilização. No entanto, isso não permite que, sem autorização prévia, saia-se fotografando quaisquer pessoas ou objetos, devido a Lei que regula o Direito de Imagem das Pessoas e/ou Objetos.

Para esta exposição, trabalhou-se com um modelo de autorização para o uso de imagem das prendas e também dos peões que compõem as fotografias (Anexo A), onde somente serão utilizadas para fins acadêmicos relacionados a esta dissertação. As fotografias foram previamente entregues aos componentes do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany para que, de acordo com sua vontade, autorizassem o uso de suas imagens.

CAPÍTULO 3 - O PROJETO DA EXPOSIÇÃO

Ao observar o universo tradicionalista com seus desfiles, comemorações e em especial seus concursos artísticos percebi que, principalmente na questão da prenda, o seu traje e ornamentos estão envoltos em um jogo simbólico complexo, como poder, honra, recato, afirmação individual e coletiva. Ao buscar uma maneira de externar em um produto sobre o saber adquirido ao longo do contato com as prendas, surgiu, então, a organização da exposição fotográfica, como um olhar pessoal que a fotografia é capaz de proporcionar, externando a prenda atual, dentro das atividades e participações do DTG Noel Guarany.

A exposição tem como tema geral o olhar sobre a construção da prenda em seus principais elementos: a dança, seus gestos delicados, assim como o elemento principal: o vestido de prenda. Esses elementos compõem os subtemas da exposição selecionados através da triagem das fotografias.

Subtema 1: O entorno

Subtema 2: A produção da prenda

Subtema 3: A dança

Subtema 4: O canto

Subtema 5: Ciranda de Prendas

Subtema 6: Relação com o Peão

O local escolhido para a exposição deu-se através do convite do Royal Plaza Shopping Center, na cidade de Santa Maria. O “shopping” inaugurado há três anos disponibiliza no “hall” do térreo dois ambientes para exposições. O primeiro deles é pelo acesso do pavimento, onde as exposições geralmente são organizadas por colégios e suas amostras, através de biombos. O segundo e principal ambiente fica ao centro do shopping, entre os acessos das escadas rolantes, elevadores e lojas, sendo possível contemplar grande parte do ambiente dos demais andares. No

entanto, as exposições neste local são de temas circunstanciais, em virtude de comemorações de datas e homenagens.

O período de exposição inicia em 1º de setembro de 2013, finalizando em 1º de outubro de 2013, sendo este o tempo disponibilizado pelo estabelecimento. Da mesma maneira, o horário de visitação segue as normas de abertura e fechamento do local, sendo fixo a partir das 10h da manhã até às 22h. A segurança, limpeza e manutenção são próprias do estabelecimento. Adaptações que venham a se fazer necessárias devem ser ajustadas com o setor administrativo do shopping.

Segue o texto do convite (Anexo B) a ser divulgado,

Camilla Milder apresenta:

Por debaixo dos panos

Um olhar sobre a construção da prenda do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Vernissage: 1 de setembro de 2013, domingo, a partir das 20h

Local: Shopping Royal Plaza

Avenida Nossa Senhora das Dores, 305

Período de visitação: 1 de setembro à 1 de outubro, aberto diariamente das 10h da manhã até às 22h.

Quadro 1- Texto de apresentação para convite da exposição fotográfica.

O espaço físico será preenchido com quatorze cavaletes, cada qual com as fotografias correspondentes aos subtemas. Em virtude do tamanho do espaço disponibilizado e também do frequente acesso de cadeirantes ao local, idealizou-se a disposição dos cavaletes no formato 'meia lua', a fim de que o livre trajeto com muletas ou cadeiras de rodas siga sem obstáculos.



Imagem 7 - Visão Frontal da Exposição Fotográfica no Shopping Royal Plaza

Fonte: Acervo pessoal, Camilla Milder



Imagem 8 - Visão Área do Local da Exposição sem os cavaletes no Shopping Royal

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder.

Por se tratar da região central do “shopping”, o entorno do espaço da exposição possui uma maior quantidade de bancos disponíveis ao público, devido a esta observação, agregou-se à exposição à parceria já firmada do estabelecimento com o Grupo Erva Mate Raízes para a disponibilização de água quente para chimarrão, uma vez que é comum o consumo da bebida por grupos que estão a passeio.

As fotografias foram produzidas ao longo do segundo semestre de 2011, assim como durante o ano de 2012. Acompanhamos os seguintes eventos a com participação do DTG Noel Guarany.

Evento	Período de acompanhamento
1. Regional do ENART⁵³ Universidade Federal de Santa Maria	Julho de 2011
2. 1º Encontro Sul Americano de Folclore⁵⁴ Bossoroca/ RS	Agosto de 2011
3. MTG Vai À Escola⁵⁵ Escola Naura Teixeira, Santa Maria/RS	Setembro de 2011
4. Chegada da Chama Criola⁵⁶ Sede do DTG Noel Guarany, UFSM.	Setembro de 2011
5. Desfile Farroupilha⁵⁷ Santa Maria/RS	Setembro de 2012
6. Inter-Regional do Enart⁵⁸ Alegrete/RS	Setembro de 2012

⁵³ A primeira etapa classificatória do Encontro de Artes e Tradição Gaúcha, onde sete ou mais concorrentes são classificados a nível regional, no caso deste trabalho, da 13ª Região Tradicionalista.

⁵⁴ Evento realizado no município de Bossoroca, no interior do Rio Grande do Sul, com representantes da Argentina, Paraguai e Brasil. O DTG Noel Guarany foi convidado a participar e ser representante brasileiro por esta ser a cidade natal de Noel Guarany, cujo ícone o Departamento homenageia em seu nome.

⁵⁵ Projeto tradicionalista realizado pelas entidades em parceria com escolas de ensino fundamental. O projeto consiste em determinados encontros organizados pelas prendas a fim de trabalhar as questões da cultura gaúcha. Entre os temas possíveis de ser abordados estão brinquedos e jogos folclóricos, os símbolos cívicos, as pilchas gaúchas, entre outros.

⁵⁶ A Chama Crioula, a cada ano, antes da Semana Farroupilha chega a cada região tradicionalista, sendo carregada à cavalo da região metropolitana.

⁵⁷ Desfile realizado todo o dia 20 de setembro, data em que se comemora o Dia do Gaúcho.

⁵⁸ Segunda e última fase classificatória para o ENART, onde oito concorrentes em cada modalidade são selecionados para a fase final.

7. Ciranda de Prendas⁵⁹ Santa Maria/RS	Junho de 2012
8. Ação Imaginário do PROEXT Negros, Nativos e Nativistas⁶⁰ Lar de Miriam, Santa Maria/RS	Setembro de 2012
9. 4º Circuito de Danças⁶¹ ATC Ponche Branco, Santa Maria/RS	Outubro de 2012

Quadro 2: Listagem dos eventos acompanhados do DTG Noel Guarany.

Para a melhor visualização e distribuição das fotografias selecionadas para a exposição fotográfica, o ensaio se dará a partir da próxima página. Antes da disposição dos quatorzes cavaletes na formatação da exposição, um banner contendo uma breve explicação, a fim de melhor situar o público será exibido. Segue o texto,

A exposição fotográfica “Por debaixo dos panos: um olhar sobre a construção da prenda do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany” é resultado de um trabalho de dois anos juntamente ao DTG Noel Guarany, da Universidade Federal de Santa Maria.

Para comunicar, registrar e dar visibilidade ao patrimônio local e também regional da figura que representa a mulher gaúcha - a prenda – elegeram-se para esta exposição os principais elementos que a compõem: o entorno, a produção da prenda, a dança, o canto, a Ciranda de Prendas e a relação com o peão.

Quadro 3- Texto de apresentação da apresentação no formato de banner.

⁵⁹ Concurso que, através de provas artísticas e de conhecimentos específicos e gerais, seleciona as representantes de cada região tradicionalista nas categorias Mirim, Juvenil e Adulta.

⁶⁰ Projeto do DTG Noel Guarany que mapeia os principais grupos étnicos da cidade de Santa Maria e região trabalhando, a partir de então, com suas principais características: música, culinária, religião, lúdico, entre outras.

⁶¹ Concurso de danças tradicionalistas realizado em Santa Maria.

Subtema 1 – Entorno (Cavaletes 1 e 2)

Para os concursos e apresentações, pequenas ambiências são organizadas para situar a prenda, o peão ou o grupo, seja um cômodo da casa, como o quarto, a sala de estar ou até mesmo uma parte do galpão ou outra área externa. São bonecas de pano, de madeira, outras feitas de espiga de milho, casinhas de papelão ornamentadas com fitas de cetim. Objetos e utensílios como almofadas, xales, espelhos, bules, também ajudam na composição das ambiências (Cavaletes 1 e 2). No entanto, até o ‘cenário’ estar de acordo com o previsto, os detalhes são organizados pelas próprias prendas, muitas vezes em situações adversas e desfavoráveis para seus longos vestidos (Cavalete 3).



Imagem 9 - Cavalete 1: o entorno

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18 megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm, colorida.

Descrição: Fotografias feitas na 42ª Ciranda de Prendas da 13ª Região Tradicionalista, durante as provas artísticas, realizada no Clube Desportivo Dores em junho de 2012.



Imagem 10 - Cavalete 2: o entorno

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18 megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm, colorida.

Descrição: Fotografias feitas na 42ª Ciranda de Prendas da 13ª Região Tradicionalista, durante as provas artísticas, realizada no Clube Desportivo Dores, em junho de 2012.



Imagem 11 - Cavalete 3: o entorno

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm, colorida.

Descrição: Fotografias realizadas no Desfile Farroupilha em Santa Maria, no dia 20 de setembro de 2012. Da esquerda para a direita: Tainá Valenzuela, Rafaela Birck e Mariana Oliveira, prendas do DTG Noel Guarany organizando os carros para a entrada no desfile.

Subtema 2 – A produção da Prenda (Cavaletes 4, 5 e 6)

Horas antes das apresentações encontram-se, com facilidade, espalhadas pelos espaços físicos, vários grupos de prendas com seus espelhos pequenos, maquiagem na mão: corretivo e base facial, blush, rímel para os cílios, fixador para cabelo, muitos grampos. Arrumam-se rapidamente, uma ajudando a outra. Trocam-se os brincos grandes, por outros menores e mais delicados. No cabelo, encaixam as flores ou a fita de cetim. Vestem as meias, as sapatilhas, as saias de armação, seus vestidos. Estão prontas.



Imagem 12 - Cavalete 4: a produção da prenda

Fonte: Acervo Pessoal de Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18 megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm, colorida.

Descrição: Da esquerda para a direita, em ordem vertical, Aline Schmidt, ao fundo Márcia Bertê; Luciane Pagliarini, Márcia Bertê; Mariana Oliveira maquia Luciane Pagliarini, prendas do DTG Noel Guarany em preparação para suas apresentações.



Imagem 13 - Cavalete 5: a produção da prenda

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm, colorida.

Descrição: Da esquerda para direita, Tainá Valenzuela e Luciana Pagliarini no Desfile de 20 de Setembro, em Santa Maria, dia 20 de setembro de 2012; Suelen Mendonça (de costas), na Inter Regional do ENART, em Alegrete; Aline Schmidt (de perfil), na abertura da 42ª Ciranda de Prendas, em Santa Maria.



Imagem 14 - Cavalete 6: a produção da prenda

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm, colorida.

Descrição: Da direita para esquerda, nas fotos inferiores, Tainá Valenzuela e Rafaela Birck; Anicéli Lautenschleger, Tainá Valenzuela e Luciana Pagliarini; Rafaela Birck. Prendas do DTG Noel Guarany preparando-se para as apresentações na Inter-Regional do ENART, em Alegrete, setembro de 2012.

Subtema 3 – A Dança (Cavaletes 7, 8, 9 e 10)

A dança foi o elo entre a mulher e sua participação nos Centros de Tradições Gaúchas. A partir desse contato, passou-se a ser organizados toda a indumentária, passos e gestos que pudessem contribuir para a harmonia e beleza das danças. Na execução, o sorriso, a delicadeza e a emoção tanto pedida pelos instrutores e o uso do vestido como recurso principal na interpretação artística.



Imagem 15 - Cavalete 7: a dança

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm, colorida.

Descrição: Apresentação do DTG Noel Guarany, no 1º Rodeio Artístico Cultural da A.T Poncho Branco e 4ª Etapa do Circuito de Rodeios da 13ª RT, realizado em Santa Maria, nos dias 27 e 28 de outubro de 2012. Da direita para esquerda, as prendas Anicéli Lautenschleger e Caroline Sanmartin.



Imagem 16 - Cavalete 8: a dança

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm, colorida.

Descrição: Apresentação do DTG Noel Guarany no 4º Circuito de Danças realizados no ATC Ponche Branco, na cidade de Santa Maria, em 28 de outubro de 2012; Marcia Bertê dança com o peão Francisco Giraldi e Anicéli Lautenschleger com Ivan Leonardo.



Imagem 17 - Cavalete 9: a dança

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm, colorida.

Descrição: Nas duas fotografias horizontais, apresentação na Inter Regional do ENART, fase classificatória, em Alegrete, em setembro de 2012. Na fotografia em vertical, a apresentação de Anecéli Lautenschelger e Guilherme Callegaro no 1º Encontro Sul-Americano de Folclore, na cidade de Bossoroca, em agosto de 2011.



Imagem 18- Cavalete 10: a dança

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm, colorida.

Descrição: Rafaela Birck, prenda do DTG Noel Guarany em apresentações com a entidade na regional do ENART, realizada em julho de 2011 na Universidade Federal de Santa Maria; no 4º Circuito de Danças, no ATC Ponche Branco, em 28 de outubro de 2012 e no MTG Vai À Escola, na Escola Naura Teixeira, no bairro Camobi, também no município de Santa Maria.

Subtema 4 – O canto

A voz como instrumento musical, através do ritmo, afinação, interpretação e da fidelidade à letra é uma das modalidades dos concursos e apresentações do Movimento Tradicionalista Gaúcho. No Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, Suelen Soares é a intérprete solista vocal feminina.



Imagem 19- Cavalete 11: o canto

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm, colorida.

Descrição: A prenda Suelen Mendonça, do DTG Noel Guarany em apresentações como intérprete solista vocal feminina. À esquerda, na Regional do Enart, em Santa Maria, à direita, em aquecimento e apresentação no 1º Encontro Sul-Americano de Folclore, em Bossoroca.

Subtema 5 – Concurso de Prendas (Cavalete 12 e 13)

A Ciranda de Prendas é um dos eventos mais aguardados pelas regiões tradicionalistas. A escolha anual de candidatas que melhor representam a virtude, dignidade, beleza, dotes artísticos, assim como o conhecimento e a desenvoltura da mulher gaúcha é feita através de provas artísticas e teóricas. No Departamento de Tradições Gaúchas, Mariana Oliveira foi eleita 3ª Prenda Adulta da 13ª Região Tradicionalista e na Ciranda de Prendas de 2012 passou sua faixa adiante.



Imagem 20 - Cavalete 12: Ciranda de Prendas

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm, colorida

Descrição: Fotografias realizadas na 42ª Ciranda de Prendas e Entrevero de Peões, em Santa Maria, em junho de 2012. A prenda do DTG Noel Guarany, Mariana Oliveira, 3ª Prenda da 13ª Região Tradicionalista e os demais representantes encerram a gestão 2011-2012.



Imagem 21 - Cavalete 13: Ciranda de Prendas

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm, colorida.

Descrição: Fotografias feitas na 42ª Ciranda de Prendas, em junho de 2012. Mariana Oliveira, do DTG Noel Guarany, despediu-se da faixa de 3ª Prenda da 13ª Região Tradicionalista.

Subtema 6 – Relação com o Peão

O peão é caracterizado pela valentia, bravura e pelo trabalho árduo. Na interpretação das danças, seus olhares e sorrisos são o início do cortejo à prenda, ele a conduz durante a música e com seus sapateados “exibe-se” para a prenda, que responde com graciosos sarandeios. O peão é o protetor e a prenda sua companheira atenciosa.



Imagem 22: Cavalete 14: prenda e o peão

Fonte: Acervo Pessoal, Camilla Milder. Câmera Canon Eos Rebel 3ti, 18megapixels, JPG. Lente 18 – 135mm

Descrição: Na foto em maior destaque, acima, na horizontal, o grupo do DTG Noel Guarany antes de sua performance em Alegrete, em setembro de 2012. Abaixo, da direita para a esquerda, Luciane Pagliarini; novamente Luciane dançando com Marlon Arenhardt e Mariana Oliveira e Guilherme Callegaro.

As fotografias produzidas, selecionadas e divididas entre os subtemas mostram o conjunto das práticas pertencentes à prenda tradicionalista. O desenho e o manuseio de vestido durante as danças, as flores de cabelo, seus gestos, dão-lhe um aspecto gentil e graciosa, mantendo a construção que a legitimou.

CONCLUSÃO

Certa vez, pesquisando a bibliografia necessária para a construção deste trabalho, deparei-me com um texto cujo título era “E o gaúcho, morreu?”. Ao encarar as fotografias escolhidas para a exposição coladas na parede à minha frente, a resposta veio: “nunca existiu, na verdade, foi construído, assim como a prenda”.

Este trabalho de conclusão de Pós-Graduação pretendeu comunicar, registrar e dar visibilidade ao patrimônio local e regional tradicionalista por meio da figura da prenda, buscando entender a sua construção enquanto representação da mulher gaúcha, sob o olhar do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Para isso, propôs-se uma exposição fotográfica trabalhando com os principais elementos em torno dessa construção.

A temática patrimonial faz referência à identidade e à memória de grupos formadores da sociedade. A identidade é uma construção simbólica organizada a partir da ideia de pertencimento, gerando uma identificação do indivíduo frente à coletividade; já a construção da memória dá sentido a determinada identidade. Uma das maneiras de afirmar-se uma identidade é por meio da valorização do patrimônio cultural, suas formas de expressão, os modos de criar e viver, as criações artísticas, obras, objetos, entre outros .

Com este propósito, grande parte do percurso teórico-metodológico buscou historiar o discurso tradicionalista na construção do gaúcho, a fim de então ser capaz de perceber a caracterização da mulher na figura da prenda. Num primeiro momento, investigou-se a mulher na cultura gaúcha. Com o início da República, no final do século XIX, mudanças políticas e sociais estavam se processando: o patriarcalismo passara a permear a organização da sociedade e, juntamente a isso, uma teoria advinda da Europa passara a ganhar terreno no Brasil, em especial no estado do Rio Grande do Sul – o positivismo de Auguste Comte.

Dessa forma, os papéis femininos e masculinos mantiveram-se definidos. Dos homens, era requerido o trabalho e o sustento da casa, das mulheres o zelo pela

educação moral da família, uma vez que esta era a instituição mais importante na sociedade. A caracterização da mulher dentro do positivismo fez-se importante, pois o discurso construído no contexto tradicionalista foi influenciado pelas teorias positivistas.

Em seguida, pesquisou-se a criação do Movimento Tradicionalista, cujo elemento central é a figura masculina do gaúcho, tendo como símbolo também o galpão, lugar das relações fraternas. A partir das necessidades, ausências e carências neste espaço, surge a figura da prenda, a representação da mulher gaúcha. Para poder legitimá-la e torná-la um exemplo a ser seguido, diversas qualidades e condutas foram agregadas a ela: a gentileza, a delicadeza, a docilidade, a submissão, o recato, o bom comportamento, o respeito, o pouco riso na presença de outros. Atributos que contrapõem a figura da china.

Sendo assim, o discurso do Tradicionalismo sobre a sociedade gaúcha a ser preservado como memória homogênea na figura do gaúcho os homens e na figura da prenda, as mulheres. Contudo, a construção da prenda tradicionalista como representação da mulher gaúcha é estereotipada e elitista, não englobando os demais grupos sociais, a exemplo disso destacamos as índias, as negras, as mulatas e imigrantes.

Ainda assim, ao integrar o patrimônio cultural do Rio Grande do Sul, buscou-se a melhor maneira de poder apresentá-lo em forma de produto para esta dissertação, optou-se, então, pela organização de uma exposição fotográfica. Para a produção do material, trabalhou-se com as prendas do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, cuja sede e foro jurídico estão junto à Universidade Federal de Santa Maria. O DTG possui a característica peculiar de ter sua patronagem composta somente por estudantes da universidade ou com algum tipo de vínculo com a instituição, como os técnicos administrativos e professores, ainda que, como sócios, membros da comunidade possam participar.

Outra peculiaridade observada é do grande número de mulheres compondo o corpo administrativo na entidade. No biênio 2013-2014, são sete mulheres que encabeçam cargos de capataz-geral, invernada das Relações Públicas, invernada artística e até mesmo como patroa. Outro ponto de destaque é em relação as prendas de faixa regionais e estaduais que o DTG agrega. Ainda que somem 150

sócios e apenas 50 estejam ativos, o DTG elegeu três representantes adultas como prendas da 13^o Região Tradicionalista – Tainá Valenzuela, Mariana Oliveira e Anicéli Lautenscheleger- e uma representante adulta como 1^a Prenda do Movimento Tradicionalista Gaúcho – Tainá Valenzuela.

A observação do universo tradicionalista em seus desfiles, apresentações e concursos artísticos deram origem à exposição *“Por Debaixo dos Panos”*: *Um olhar sobre a construção da prenda do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany*. As exposições possuem uma função social e pedagógica de comunicar aos cidadãos os seus próprios bem e a sua memória. Permite e promove também uma reflexão da própria trajetória que o antecedeu, que se mostra presente e que está por vir. A utilização da fotográfica também possui um caráter importante, pois legitima acontecimentos a serem preservados. Uma fotografia ou um conjunto delas não possui um só sentido, mas delas se é capaz de extrair-se lugares, tempos, objetos, fatos.

Ao longo dos nove encontros em eventos com participações do DTG Noel Guarany, buscou-se os principais elementos atribuídos à prenda, que foram distribuídos em subtemas que compõem a exposição: o entorno, a produção da prenda, a dança, o canto, a Ciranda de Prendas e a relação com o peão.

Algumas mudanças foram observadas na prenda atual em relação àquela inicialmente descrita na Coletânea da Legislação Tradicionalista principalmente no que diz respeito à sobriedade dos tons de cores dos vestidos de prendas, a ornamentação de joias e maquiagem. Verifica-se um fator mercadológico muito forte se comparado aos últimos anos, o que reforça um jogo simbólico de afirmação individual e coletiva do grupo.

Outra característica a ser observada é que com a criação do concurso da Ciranda de Prendas, a prenda tradicionalista passa a ocupar lugares de destaque administrativos, cargos que eram majoritariamente masculinos, no entanto, percebe-se que não há uma inversão nos lugares de fala, dando continuidade ao discurso masculino que permeia o Movimento Tradicionalista.

Da mesma forma, nas apresentações artísticas, a prenda continua realizando o conjunto de práticas a ela determinado. Juntamente de seu vestido, sua flor ou fita no cabelo, seus gestos delicados na dança que detonam-lhe um ar romântico reforça o ideário de mulher submissa, mantendo a hierarquia de gênero que foi legitimada pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho.

REFERÊNCIAS

ALGRANTI, Leila Mezan. **A cidade de São Paulo** – povoamento e população 1750 – 1850. São Paulo: EDUSP, Pioneira, 1973.

ALMEIDA, Angela Mendes. **Pensando a família no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRJ, 1987.

BADINTER, E. **Um é o outro**: Relações entre homens e mulheres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BARRETO, Margarida. **Turismo e Legado Cultural**. Campinas: Papyrus, 2001.

BARTHES, Roland. **Câmara Clara**: notas sobre a fotografia. Tradução de Manuela Torres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande do Sul de Augusto Comte. In: DACANAL, José Hidelbrando; GONZAGA, Sergius (orgs). **RS: cultura e ideologia**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980 [BSCSH]

BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: A. Novaes (orgs). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BRUM, Ceres Karam. Vestida de Prenda: Sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas. **Educação**: revista do Centro de Educação, UFSM, vol.34, janeiro-abril, 2009, p.147-163.

BUSSELLE, Michael. **Tudo Sobre Fotografia**. Tradução de Vera Amaral Tarcha São Paulo: Thompson Pioneira, 1979.

CARDOSO, Cláudia Pons. O importante papel das mulheres sem importância. **Dissertação de Mestrado**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1995.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, vol.2

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?**. São Paulo: Brasiliense. 1981.

_____. Janela da alma, espelho do mundo. In: A. Novaes (orgs). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p.31-61.

COMTE, August. **A influência Feminina do Positivismo**. Edição comemorativa do 1º Centenário do Advento do Positivismo Religioso. Rio de Janeiro: IPB, 1945.

_____. **Curso de Filosofia Positivista**, 2ª ed, São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os pensadores) [CPPA].

CORSO, Mário. Orgulho Gaúcho: isso nos ajuda ou atrapalha? **Jornal Zero Hora**. Porto Alegre, 16 de setembro 2006. Caderno cultura.

CÔRTEZ, João Carlos Paixão. **Origem da Semana Farroupilha e Primórdios do Movimento Tradicionalista**. Porto Alegre: Evandraf, 1994.

COSTA LEAL, Elisabete. O Positivismo, o Partido Republicano Rio-Grandense, a Moral e a Mulher (1891-1913). **Dissertação de Mestrado**. Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

CURY, Marília Xavier. A Comunicação Museológica em Museu Universitário: pesquisa e aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia – USP. **Revista CPC**, São Paulo, nº3, p.69-90, novembro 2006.

_____. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

D'ALAMBERT, Clara Correia; MONTEIRO, Marina Garrido. **Exposição**: materiais e técnicas de montagem. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DREYS, Nicolau. Notícia descritiva da Província de Rio Grande de São Pedro. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1980.

DUBY, George; PERROT, Michelle. História das Mulheres no Ocidente. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

DUARTE, Luis Fernando. Horizontes do indivíduo e da ética no crepúsculo da família. IN: RIBEIRO, Ivete. Famílias em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira, São Paulo: Loyola, 1995, p.27-41.

DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. **A Outra Face do Rio Grande**: ideologia e Mitificação do Gaúcho Histórico. Monografia, Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2001.

DUTRA, Claudia Pereira. A prenda no imaginário tradicionalista. **Dissertação de Mestrado**. Pós Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

ENTLER, Ronaldo. A fotografia e as representações do tempo. **Revista Galáxia**, n. 19. São Paulo: Programa de Pós Graduação em Semiótica da PUC – SP, 2007, p.29-46.

FAGUNDES, Antonio Augusto. E o gaúcho, morreu? In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luiz Augusto. **Nós, os Gaúchos**, 2ªed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1993, p.95-98.

FERNANDES, Maria Luiza Pacheco (trad). **Planejamento de Exposições**, Museums and Galleries Commission. Série Museologia, 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Vitae, 2001

FERREIRA, Cyro Dutra. 35 CTG: O Pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG. Porto Alegre, Edições Renascença, 1999.

FIGUEIREDO, Joana Bosak de. A Tradução da Tradição: Gaúchos, Guaxos e Sombras. O regionalismo revisitado de Luiz Carlos Barbosa Lessa e de Ricardo Güiraldes. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

FLORES, Hilda Agne Hubner. **Mulheres na Guerra do Paraguai**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, 144p.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, Egina; CHAGAS, Mario (orgs). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A/FAPERJ/ Unirio, 2003.

FREITAS, Décio. O desfalecido orgulho gaúcho. In: FISCHER, Luis Augusto;

GONZAGA, Sergius (coord). **Nós, os Gaúchos**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1993, p.36-38.

FREITAS, Letícia Fonseca Richthofen. A pedagogia do gauchismo – uma análise a partir da diáspora gaúcha. **Tese de Doutorado**. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

GOULART, Jorge Salis. **A formação do Rio Grande do Sul**. 3ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978.

GAZETINHA. Em Família. Porto Alegre, 26 de maio de 1898, ano 8, nº 20.

HAHNER, June. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1936**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Guacira Lopes Louro. 11ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBSBAWN, Eric. **A invenção das Tradições**. 2ªed. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997.

HOHLFELDT, Antônio. Nós, que fazemos política. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luiz Augusto. **Nós, os Gaúchos**, 2ªed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1993, p.59-63.

IOP, Maria Christina Rigão. **O papel da mulher no Movimento Tradicionalista Gaúcho**. Santa Maria. Monografia apresentada para a Faculdade Franciscana, 1996.

ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher: A moral e o imaginário 1889-1903**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

JACQUES, João Cezimbra. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

JACKS, Nilda. **Querência** – Cultural regional como mediação simbólica – um estudo de recepção. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 1999.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo: EDUSC, 2001.

KERN, Arno Alvarez. Chinoca. In: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luiz Augusto. **Nós, os Gaúchos**, 2ªed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 1993, p.64-70.

KOSSOY, Boris. **Tempos da Fotografia: O efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LESSA, Barbosa. **Danças e Andanças da Tradição Gaúcha**. Porto Alegre: Garatuja, 1975.

_____. Depoimento. In: **Autores Gaúchos**: Barbosa Lessa. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2000.

_____. **Nativismo**: um fenômeno social gaúcho. Porto Alegre: LPM, 1985.

_____. **Rio Grande do Sul**, prazer em conhecê-lo: como surgiu o Rio Grande, 4ªed. Porto Alegre: AGE, 2002.

LEVI STRAUSS, Claude. A Família. In: SHAPIRO, H.L. **Homem, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Fundo de Cultura, 1956.

LOURO, Guacira Lopes. **Prendas e Anti-prendas**: uma escola de mulheres. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1987.

MACHADO, Arlindo. **A Ilusão Especular**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1984.

MACIEL, Maria Eunice Maciel. Memória, Tradição e Tradicionalismo no Rio Grande do Sul. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2001, p.239 –267.

Manual do Tradicionalismo. Orientação Geral para Tradicionalistas e Centros de Tradições Gaúchas. Porto Alegre, Sulina, 1968.

MARTINS, José de Souza. A Imagem incomum: a fotografia dos atos de fé no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, vol16, nº 45. São Paulo, maio 2002.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. **Coletânea da Legislação Tradicionalista**. Porto Alegre, Movimento Tradicionalista Gaúcho, 1999.

NICHOLS, Madeline Wallis. **O gaúcho**. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1996

OLIVEIRA, Alberto. **Memória, Patrimônio, o Arqueólogo e a cidade**: arqueologia urbana e preservação do patrimônio arqueológico. Comunicação.

OLIVEN, Ruben. O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controversa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº03, p.5-14, 2009.

PAIXÃO, Darcy Ribeiro. **A prenda tradicionalista**. Santa Maria, 1995.

PERROT, Michelle. **História das Mulheres e a Antiguidade**. Edições Afrontamento, Porto: 1990.

_____. **Minha História de mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **A invenção da sociedade Gaúcha**. Ensaios FEE. Porto Alegre, v.14, nº2, 1993, p.383-396.

_____. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. IN: **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Contexto/ANPUH, vol.15, nº29, 1995.

_____. **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre, UFRGS, 2001.

_____. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª Ed, 2005.

_____. República Velha Gaúcha: estado autoritário e economia. In: DACANAL, José Hildebrando, GONZAGA, Sergius (orgs). **RS: economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

_____. Uma certa Revolução Farroupilha. In: GREINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **Brasil Imperial** Volume II: 1831-1870. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p.235-267.

PETERSEN, Aurea Tomatis. Trabalhando no banco: trajetória de mulheres gaúchas desde 1920. **Tese de doutorado**. Curso de Pós Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, vol.05, nº10. Rio de Janeiro, 1992, p.200-212.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo?** Editora Brasiliense: São Paulo, 1988.

SAINT HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

ZALLA, Jocelito. O Centauro e a Pena: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas. **Dissertação de mestrado**. Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

ZANELA, Alexandre da Silva. “Cidades do futuro” Para Quem?: Os sentidos nas fotografias veiculadas pela revista Veja. **Entremeios**: revista de estudos do discurso, v.3, n.1, junho 2011.

SANT’ANNA, Elma. **A Mulher na Guerra dos Farrapos**. Porto Alegre: Instituto Memória Editora Ltda, 2009.

SARAIVA, Glaucus. Carta de Princípios In: **Coletânea da Legislação Tradicionalista**. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho, 1999.

ZATTERA, Vera. **Traje Típico Gaúcho**. Porto Alegre: Lusográfica e editora, 1989.

SILVA, Elza Queiroz da. **O mito da escravidão cordial sul-riograndense**: uma discussão historiográfica. Porto Alegre: EDUC, vol.1, nº09, p.6-13, 2007.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Rinaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997, p.275-296.

SOUZA, Eros de. A Construção social dos papéis sexuais feminino. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol.13, nº03. Porto Alegre, 2000, p.485 - 496.

STAMATTO, Maria Ines Sucupira. Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil:1549-1910) In: História e Memória da Educação Brasileira, 2002, Natal. **II Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2002, p.1-11.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

Anexo A – Autorizações do Uso de Imagem

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM Pessoa maior de 18 anos

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Adelina Rodrigues Aires

RG.: 6086705388

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Aline Schmidt

RG.: 4083241507

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Anicéli de Matos Lautenschleger

RG.: 5599945577

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Caroline Sanmartin Albiero

RG.: 6100950481

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Francisco Giraldi

RG.: 5066200329

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Guilherme Felipe Callegaro

RG.: 1090420959

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Indiara Vânussa Cáceres Jacques

RG.: 3102909284

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Ivan Leonardo Machado

RG.: 8099943097

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Keyla Gabriele Fleck

RG.: 9109640327

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Luciane Pagliarini

RG.: 1089155188

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Márcia Bertê

RG.: 1068521655

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Mariana Xavier de Oliveira

RG.: 2108276276

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Marlon Higert Arenhardt

RG.: 3097708659

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Rafael Santos da Silva

RG.: 7092336572

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Rafaela Lermen Birck

RG.: 8099943097

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Tainá Severo Valenzuela

RG.: 5081874009

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Vineton da Trindade da Silva

RG.: 1078302393

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM **Pessoa maior de 18 anos**

Neste ato, autorizo expressamente a utilização da minha imagem, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotografias decorrentes da minha participação na exposição fotográfica componente da Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós Graduação em Patrimônio Cultural, a seguir discriminado:

Título do Trabalho: “Por Debaiixo dos Panos”: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany

Acadêmico (a): Camilla Rodrigues Milder.

Orientador (a): Dra. Maria Medianeira Padoin

Objetivo: entender como se dá a construção da representação da mulher gaúcha na figura da prenda, sob o olhar do Movimento Tradicionalista, na entidade tradicionalista do Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany, produzindo, como fim, uma exposição fotográfica, procurando realizar o registro e dar visibilidade às atividades da prenda neste Departamento. Registramos que este Departamento é composto pelos estudantes da Universidade, uma vez que a própria está comprometida com a comunidade na qual está inserida, abrigando, permitindo e apoiando as manifestações culturais, através do reconhecimento da prenda e os demais símbolos da comunidade tradicionalista como patrimônio local e regional.

As imagens poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido trabalho, na organização da pesquisa de dissertação, na apresentação audiovisual do mesma, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

Por ser esta a expressão de minha vontade,

Nome: Suelen Mendonça Soares

RG.: 2061448557

Anexo B – Flyer de Apresentação da Exposição Fotográfica



Camilla Milder
apresenta
Por debaixo dos Panos

*Um olhar sobre a construção da imagem da
prenda do Departamento de Tradições
Gaúchas Noel Guarany*

Vernissage: 1 de setembro de 2013, domingo, a partir das 20h
Local: Shopping Royal Plaza
Avenida Nossa Senhora das Dores, 305
Período de visitação: 1 de setembro à 1 de outubro, aberto
diariamente das 10h da manhã até às 22h.